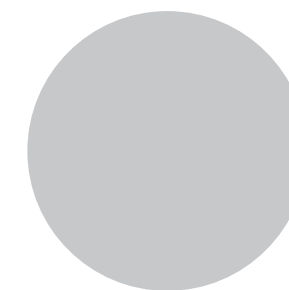


CADERNOS TEMÁTICOS
THEMATIC NOTEBOOKS

1 CENTRO CENTRE





CENTRO CENTRE



FICHA TÉCNICA
CREDITS

Editor Publisher
José Alberto Quintino

Coordenação Project Coordination
Natália Calvo
Sandra Oliveira

Direção Artística e Fotografia Art Direction and Photography
José Bandeira

Equipa Técnica Technical Team
Ana Bento
Ana Raquel Machado
Florbela Estêvão
Graça Ezequiel
Marta Fortuna
Marta Miranda
Maria João Martinho

©2025 Rota Histórica das Linhas de Torres –
– Associação para o Desenvolvimento Turístico
e Patrimonial das Invasões Francesas
Praça Dr. Eugénio Dias, 12
2590-016 Sobral de Monte Agraço

ISSN 3051-7427
Tiragem Print run 1000
Depósito Legal N.º Legal Deposit No.

CONTEÚDOS
CONTENT

Introdução Introduction	8
Arruda dos Vinhos	13
Bombarral	25
Loures	39
Lourinhã	57
Mafra	75
Sobral de Monte Agraço	93
Torres Vedras	109
Vila Franca de Xira	125
Contactos Contacts	141

THEMATIC NOTEBOOKS

The Lines of Torres Vedras are more than a succession of forts and redoubts.

Built under intense time pressure during the Peninsular War, this defensive system bound together a wide swathe of land north of Lisbon and gave it lasting cohesion.

Its hills and valleys, farms and villages, rivers and roads became a single strategic landscape — and, in the centuries that followed, a region with its own character: rural and urban, traditional and industrial, close to the capital yet distinctly independent.

That richness cannot be understood by counting forts or naming battles alone.

The forts remain cherished witnesses to the struggle for Portuguese independence, but they are not the whole story.

The Lines are also vineyards and orchards, markets and manor houses, rivers and sea coast, white-washed villages and modern towns.

They are memories and livelihoods, everyday gestures and sudden vistas.

Above all, they are a field of ideas: ways of seeing and experiencing a territory whose meaning is never exhausted.

This new series of monographs from the Historical Route of the Lines of Torres Vedras sets out to explore those ideas.

Each volume focuses on a single concept — an *idea* rather than a category — developed through photographs and brief texts that offer guidance without prescribing meaning.

The result is not an inventory of monuments but a set of visual meditations on the many forms the territory presents to eye and mind.

The first volume, **Centre**, looks at the beating hearts of our municipalities: squares and monuments, markets and churches, places where memory gathers and daily life renews itself.

Future editions will follow other currents.

By approaching the region through ideas, the collection invites readers to look beyond dates and geography and to feel the interplay of landscape, history and human invention.

The camera lingers on details and atmosphere: the stone of a monument burnished by time, a vineyard at dusk, the sheen of *azulejos* after rain, a blue cornice against the autumn sky.

Each volume is a conversation between image

and place, open to the interpretations that every visitor — and every resident — will bring.

Together, these notebooks sketch a portrait of a territory that is at once historically unified and infinitely varied.

They acknowledge the Lines of Torres Vedras as a symbol of the region while affirming that its identity reaches far beyond the defensive works that give it name.

They honour a landscape where rural traditions and urban rhythms meet, where industry and agriculture, memory and modern life weave a single fabric.

We are only at the beginning.

Centre is the first step in an ongoing journey: a series of **Thematic Notebooks** that, taken together, will form an atlas of ideas — a record in time of a place whose essence lies not in a single monument or moment but in the evolving relationship between people and the land they inhabit.

Natália Calvo

CADERNOS TEMÁTICOS

As Linhas de Torres são mais do que uma sucessão de fortes e redutos.

Construído sob intensão pressão temporal durante a Guerra Peninsular, este sistema defensivo uniu uma vasta faixa de território a norte de Lisboa e deu-lhe uma coesão duradoura.

Os seus montes e vales, quintas e povoações, rios e estradas tornaram-se uma única paisagem estratégica — e, nos séculos que se seguiram, uma região com carácter próprio: rural e urbana, tradicional e industrial, próxima da capital, mas decididamente independente.

Essa riqueza não pode ser percebida apenas contando fortes ou nomeando batalhas.

Os fortes permanecem testemunhas estimadas da luta pela independência portuguesa, mas não são toda a história.

As Linhas são também vinhas e pomares, mercados e palácios, rios e costa marítima, aldeias caiadas de branco e cidades modernas.

São memórias e meios de subsistência, gestos quotidianos e vistas repentinas.

São, acima de tudo, um campo de ideias: formas de ver e experimentar um território cujo significado nunca se esgota.

Esta nova coleção de monografias que a Rota Histórica das Linhas de Torres agora publica propõe-se explorar essas ideias.

Cada volume aborda um único conceito — uma *ideia*, em lugar de uma categoria — e desenvolve-o através de fotografias e textos breves que oferecem orientação, mas nunca ditam o significado.

O resultado é, não um inventário de monumentos, mas uma série de meditações visuais sobre as muitas formas que o território apresenta aos olhos e à mente.

O primeiro volume, **Centro**, analisa os corações pulsantes dos nossos municípios: praças e monumentos, mercados e igrejas, locais onde a memória se reúne e a vida quotidiana se renova.

As edições futuras seguirão outras correntes.

Ao abordar a região através de ideias, a coleção convida os leitores a olhar para além das datas e da geografia e a sentir a interação entre a paisagem, a história e a invenção humana.

A câmara demora-se nos detalhes e na atmosfera: a pedra de um monumento a que o tempo deu textura, uma vinha ao fim da tarde, o brilho dos azulejos após a chuva, uma cornija

azul contra o céu de outono.

Cada volume é uma conversa entre imagem e lugar, aberta às interpretações que cada visitante — e cada residente — trará.

Juntos, estes cadernos esboçam um retrato de um território que é, a uma vez, historicamente unificado e infinitamente variado.

Eles reconhecem as Linhas de Torres como símbolo da região, afirmando sempre que a sua identidade vai muito além das obras de defesa que lhe dão nome.

Honram uma paisagem onde as tradições rurais e os ritmos urbanos se encontram, onde a indústria e a agricultura, a memória e a vida moderna constituem a malha de um único tecido.

Estamos apenas no começo.

Centro é o primeiro passo de uma jornada contínua: uma série de **Cadernos Temáticos** que, tomados como um todo, formarão um atlas de ideias — um registo no tempo de um lugar cuja essência não reside num único monumento ou instante, mas na relação em evolução entre as pessoas e a terra que habitam.

Natália Calvo

CENTRE

In 1925 the architect Le Corbusier proposed nothing less than the demolition of Paris’s historic core. His *Plan Voisin* imagined eighteen cruciform skyscrapers rising above a ground level of parks, gardens and free-flowing traffic. Offices would occupy the towers, housing would be placed in peripheral blocks, and leisure activities confined to dedicated zones. In an age when poor sanitation fuelled epidemics, the guiding vision was efficiency, hygiene and order.

The plan, which startled even fellow modernists, was never carried out. Paris kept its centre, and neighbourhoods once marked for erasure are now prized for something no blueprint can replicate: the slow accumulation of time, memory and lived experience. At every scale the lesson is universal. Centres — whether in world capitals or small rural towns — endure not by legal decree but because they embody the memory and the sense of belonging of the communities that inhabit them.

Here in the lands north of Lisbon, pre-historic peoples built their settlements on hilltops for defence and strategic vantage. Roman presence brought a different logic. Populations descended to the plains; fields, roads and markets adopted a new geometry of law and administration, and villages grew around nuclei that echoed the Roman forum — places of trade, encounter and civic life. Through the medieval centuries these cores consolidated around a church or square where fairs, assemblies and celebrations unfolded.

Commerce infused them with fresh energy: cattle markets and farm-produce fairs drew merchants and craftsmen, while a bustling bourgeoisie of shopkeepers and wine traders animated the streets.

In many places wine became both economy and culture, with cellars and taverns serving as ‘centres within the centre’, those as workplaces, these as convivial refuges.

Our centres are where rurality embraces urbanity. They are compasses for movement and stages for memory, helping residents and visitors alike to understand the territory they inhabit or traverse. They are the secure ground of community, where history is read in stone and modern life repeats ancient patterns. Centres are the points in space and time from which we set out and to which we return, both physically and culturally.

The region of the Lines of Torres Vedras illustrates this continuity across successive moments of formation. Each layer records a society’s response to its needs — defence, worship, trade, celebration — and its ability to turn natural geography into cultural space.

In the post-industrial era, the blue edging of whitewashed houses and the winding lanes of old villages have gained fresh prestige as marks of authenticity. Yet authenticity is more than nostalgia: it is a lively negotiation between memory and use, inheritance and renewal.

Daily routines — markets and cafés, festivals and funerals, children at play — keep a centre alive. Heritage matters not only as

something to be preserved in museums but as a democratic resource, open to countless readings, allowing each generation to recognise itself in the continuum of place.

Memory, both individual and collective, depends on these anchors. Buildings are not memory itself but instruments that summon it, prompting a community to remember — or, when lost, to forget. A Baroque church, a medieval tower, a 19th-century wine cellar: each offers a different reading to each passer-by, yet all provide a tangible link between present and past. In their quiet way, they affirm themselves as a heritage for future generations. Admired or destroyed, but never truly possessed.

To walk through the villages, towns and cities of the Lines of Torres Vedras is to rehearse that memory. Digital tools may guide the visitor today, but orientation still comes through encounters with fixed points: a square shaded by plane trees, a fountain, a chapel. These landmarks are at once practical guides and symbols of identity. They remind us that a territory is more than boundaries on a map. It is a living organism sustained by the affections, understandings and daily practices of its people.

In a landscape such as this there is no single dominant centre. Instead, a constellation of interconnected squares, gardens, churches, monuments, museums and theatres forms a network that naturally binds the different communities. Each locality beats with its own heart, yet all pulse to a shared rhythm,

exchanging people and goods, stories and legends, hopes and achievements across the hills and valleys that two centuries ago staged a decisive episode in the long course of Portuguese history.

The centre, then, is not merely a geometric middle. It is the beating heart of collective life, the organ of social circulation where the heritage of a region accumulates and where art, labour, and everyday existence intersect. To portray our centres is to show more than points of interest: it is to reveal the living memory of a people — a continuity of belonging that allows renewal without rupture and makes the experience of the past an active force in the present.

Sandra Oliveira

CENTRO

Em 1925, o arquiteto Le Corbusier propôs nada menos do que a demolição do centro histórico de Paris. O seu *Plan Voisin* imaginava dezoito arranha-céus cruciformes. Ao nível do solo haveria parques, jardins e avenidas de tráfego fluído. Os escritórios seriam alojados nas torres, as habitações em blocos periféricos e as atividades de lazer teriam lugar em zonas específicas. A visão orientadora, numa época em que a insalubridade estava na origem de sucessivas epidemias, centrava-se na eficiência, na higiene e na ordem.

O plano, que até os modernistas atemorizou, nunca foi executado. Paris preservou o seu centro e bairros outrora marcados para extinção são agora valorizados por algo que nenhum projeto pode reproduzir: a lenta acumulação de tempo, memória e experiência vivida. À escala própria de cada território, a lição é universal. Os centros, sejam de capitais mundiais ou de pequenas cidades do mundo rural, perduram não por um qualquer imperativo de lei, mas porque dão corpo à memória e ao sentido de pertença das comunidades que os frequentam e habitam.

Aqui, no território a norte de Lisboa, as comunidades pré-históricas construíram as suas povoações no topo dos montes, em busca de defesa e vantagem estratégica. A presença romana trouxe uma lógica diferente. Descidas as populações às planícies, os campos, estradas e mercados assumiram uma nova geometria de lei e administração, e as aldeias cresceram em torno de núcleos que ecoavam o fórum romano — locais para

comércio, encontro e celebração da vida cívica. Ao longo dos séculos medievais, estes núcleos consolidaram-se em torno de uma igreja ou de uma praça, onde se realizavam feiras, assembleias e celebrações. O comércio infundiu-lhes uma nova energia. Feiras de gado e mercados de produtos agrícolas atraíram comerciantes e artesãos, enquanto uma atarefada burguesia de lojistas e comerciantes de vinho trazia animação às ruas. Em muitas destas localidades o vinho tornou-se simultaneamente economia e cultura, com adegas e tabernas a servirem de “centros dentro do centro”, aquelas como locais de trabalho, estas como refúgios conviviais.

Os nossos centros são locais onde a ruralidade abraça e envolve a urbanidade. Eles são bússolas para o movimento e um palco para a memória, ajudando tanto os locais como os visitantes a compreender o território que habitam ou percorrem. São o chão seguro das nossas comunidades, onde a história pode ser lida na pedra e a vida moderna se replica em padrões antigos. Os centros são os pontos no espaço e no tempo de onde se parte e para onde se regressa, tanto física como culturalmente.

A região das Linhas de Torres ilustra a continuidade nos diferentes momentos da formação do território como hoje o conhecemos. Cada estrato é um registo da resposta de uma sociedade às suas necessidades — defesa, culto, troca, celebração — e da sua capacidade de transformar a geografia natural em espaço cultural.

Na era pós-industrial, as faixas azuis em casas caídas e as ruas sinuosas das antigas povoações ganharam novo prestígio como marcas de autenticidade. No entanto, a autenticidade não se resume a um vago sentimento de nostalgia. É uma negociação acesa entre memória e uso, entre o herdado e o renovado. As rotinas diárias das populações — mercados e cafés, festas e funerais, crianças a brincar — são o que mantém um centro vivo. O património é importante não apenas como algo a ser preservado em museus, mas como um recurso democrático, aberto a inúmeras interpretações, permitindo que cada geração se reconheça no continuum do lugar.

A memória, individual e coletiva, depende destes suportes. Os edifícios não são a memória em si, mas os instrumentos que a convocam, levando a que uma comunidade recorde, ou – quando desaparecem – esqueça. Um templo barroco, uma torre medieval, uma adega do século XIX: cada um oferece uma leitura diferente a cada passante, mas todos proporcionam uma ligação tangível entre o presente e o passado. À sua maneira silenciosa, afirmam-se como herança para as gerações futuras. Podem ser apreciados ou destruídos, mas nunca possuídos.

Percorrer as aldeias, vilas e cidades das Linhas de Torres é ensaiar essa memória. As ferramentas digitais podem hoje guiar o visitante, mas a orientação continua a ser feita através do encontro com pontos fixos: uma praça à sombra de plátanos, uma fonte, uma capela. Estes marcos são simultaneamente

indicadores pragmáticos e símbolos de identidade. Recordam-nos que um território é mais do que limites desenhados num mapa. É um organismo vivo, mantido por valores afetivos, cognitivos e práticos — a partir das memórias dos seus habitantes e dos usos que dão aos seus espaços.

Numa paisagem como a das Linhas de Torres não existe um centro dominante. Em vez disso, desenha-se aqui uma constelação de centros interligados, cujas praças e jardins, igrejas e monumentos, museus e teatros formam uma rede que aglutina as diferentes comunidades e une, sem esforço nem artificialidade, o território. Em cada localidade bate um coração próprio, mas todas pulsam numa cadência comum, permutando pessoas e bens, histórias e lendas, anseios e sucessos, através dos montes e vales que há duzentos anos serviram de palco a um dos episódios maiores da história coletiva nacional.

O centro, então, não é apenas o meio geométrico. É o coração pulsante da vida coletiva, o órgão da circulação social onde se acumula o património de uma região e onde a arte, o trabalho e a existência quotidiana se cruzam. Retratar os nossos centros é mostrar mais do que pontos de interesse. É revelar a memória viva de um povo — uma continuidade de pertença que permite a renovação sem rutura e torna a vivência do passado uma força ativa no presente.

Sandra Oliveira

ARRUDA DOS VINHOS

A cerca de trinta quilómetros a norte de Lisboa, Arruda dos Vinhos situa-se no encontro do Oeste, do Ribatejo e das antigas terras saloias, numa paisagem de suaves colinas, ribeiros e vinhedos moldados por solos argilo-calcários. A ocupação humana é antiquíssima: antas, *villae* romanas e castros atestam a presença de povos desde a pré-história.

Na Idade Média, o território pertenceu à Ordem de Santiago; durante a Guerra Peninsular, tornou-se um ponto estratégico das Linhas de Torres. Os seus habitantes participaram na construção das fortificações que, aliadas a uma severa política de terra queimada, viriam a travar o avanço francês.

O centro histórico reúne séculos de pedra e memória — o chafariz pombalino de 1789 junto ao Palácio do Morgado, a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Salvação com o seu rico espólio artístico, o antigo edifício dos Paços do Concelho e o aqueduto que outrora levava água através do vale são alguns dos marcos que perduram no centro da vila.

Hoje, a produção de vinho continua a ser uma marca identitária, ligando o carácter rural de Arruda à região de Lisboa.

About thirty kilometres north of Lisbon, Arruda dos Vinhos lies where the Oeste, the Ribatejo and the old *terras saloias* meet, in a landscape of gentle hills, streams and vineyards shaped by clay-limestone soils. Human presence here is ancient: dolmens, Roman *villae* and hill forts attest to settlement since prehistory.

In the Middle Ages the territory belonged to the Order of Santiago; during the Peninsular War, it became a strategic point in the Lines of Torres Vedras. The inhabitants helped build the fortifications which, together with a severe scorched-earth policy, would halt the French advance.

The historical centre gathers centuries of stone and memory — the 1789 Pombaline fountain beside the Morgado Palace, the Mother Church of Nossa Senhora da Salvação with its rich artistic heritage, the former Town Hall and the aqueduct that once carried water across the valley are among the landmarks that endure in the heart of the town.

Today wine production remains a defining trait, linking Arruda's rural character to the Lisbon region.

AQUEDUTO

O Aqueduto levava a água das nascentes do Lugar da Mata até ao Chafariz Pombalino de Arruda dos Vinhos. Ainda hoje afloram trechos do seu percurso exterior — arcos e troços de canal — testemunhando séculos de engenho hidráulico. Reformado no período pombalino, sucedeu a um sistema de abastecimento mais simples do século XV: a “fonte da vila” é mencionada desde, pelo menos, 1459, e o respetivo encanamento desde 1472. Em 1861 foi criada uma comissão para avaliar os estragos provocados por cheias no aqueduto, então descrito com 1 119,5 m de extensão. O seu percurso começava na nascente Arca d’Água, seguia por um canal de telhões e vários troços arcados e terminava em encanamento ao nível do solo que alimentava o Chafariz.

AQUEDUCT

The Aqueduct carried water from springs near Mata (Lugar da Mata) to the Pombaline fountain in Arruda dos Vinhos. Traces of its external course — arches, sections of channel — still emerge, hinting at centuries of hydraulic craftsmanship. Renewed during the Pombaline reforms, it succeeds a simpler 15th-century supply system: the town’s fountain is mentioned from at least 1459 and its waterworks from 1472. In 1861, a commission was set up to assess the damage caused by flooding to the aqueduct, which was then described as being 1,119.5 metres long. Its journey began at the ‘Arca d’Água’ spring, included a tiled canal, several arcaded segments, and ended in ground-level piping that fed into the fountain.



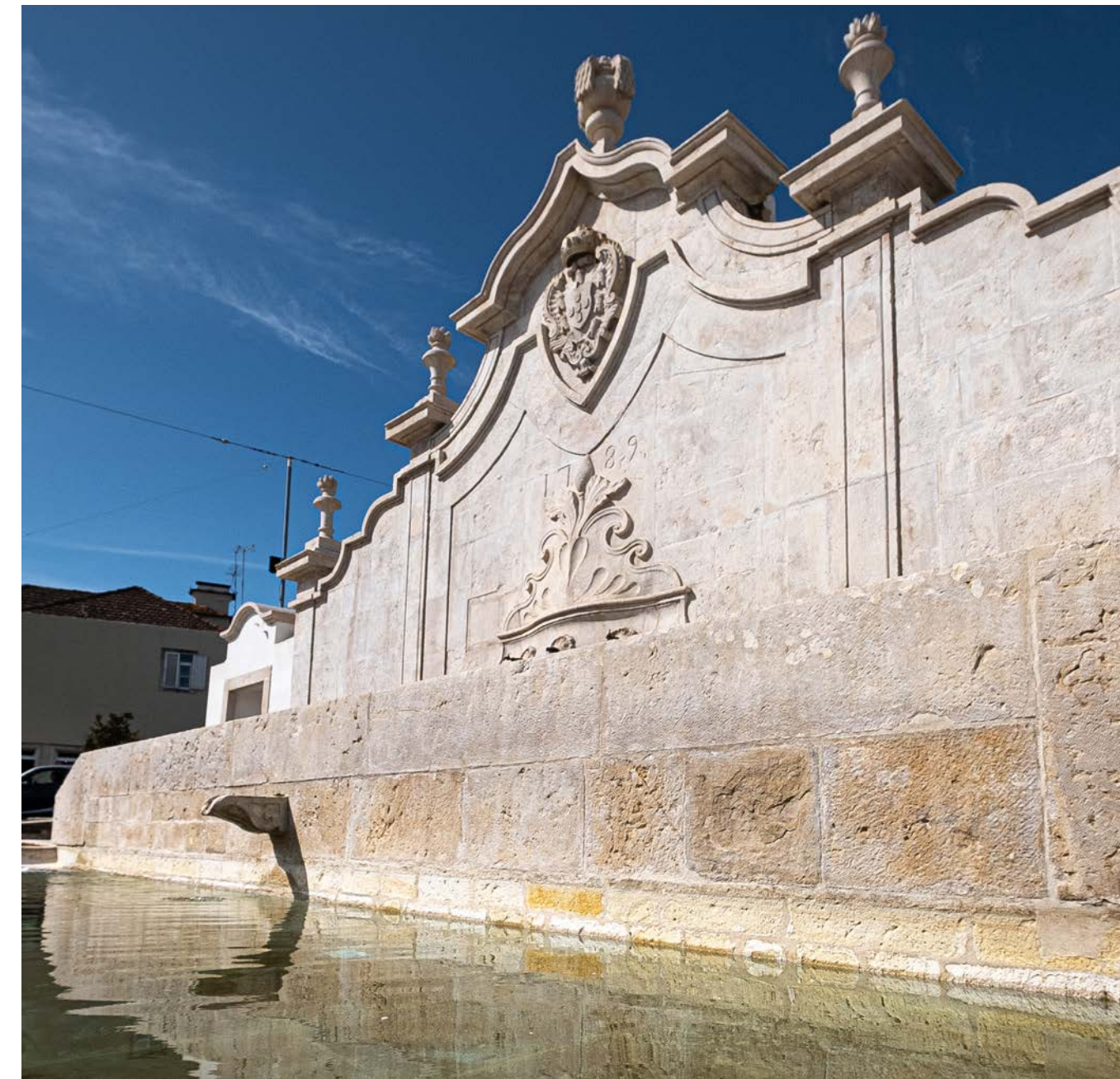


CHAFARIZ

No centro de Arruda impõe-se o Chafariz Pombalino de três bicas, reconstruído em 1789 para substituir uma antiga fonte de pedra lavrada. A pedra de armas de Portugal, com o escudo de D. José, sugere apoio régio, embora a tradição atribua o patrocínio ao fidalgo local Domingos Gambôa e Liz, primeiro deputado da Junta das Águas Livres. A obra terá ficado a cargo do arquiteto Mateus Vicente de Oliveira. O espaldar, seccionado por pilastras, remata num frontão contracurvado onde o arco canopial central e os fogaréus laterais definem o elegante perfil. Classificado como Imóvel de Interesse Público desde 2005, continua a ser símbolo da arte de abastecimento de água da vila e ponto de encontro nos seculares Festejos em Honra de Nossa Senhora da Salvação.

FOUNTAIN

At the centre of Arruda stands the three-spouted Pombaline fountain, rebuilt in 1789 to replace an earlier carved-stone source. The royal coat of arms of Portugal, bearing King José's shield, suggests crown support, though tradition credits local nobleman Domingos Gambôa e Liz — first deputy of the Junta das Águas Livres — as patron. Architect Mateus Vicente de Oliveira likely oversaw the work. Its pilastered backdrop rises to a curving pediment where a central canopied arch and flanking finials give the fountain its elegant profile. Classified as a Property of Public Interest since 2005, it remains a symbol of the village's craft of water supply and a meeting point during the centuries-old Festivities in Honour of Our Lady of Salvation.





PALÁCIO DO MORGADO

Mandado erguer no final do século XVIII por António Teodoro de Gambôa e Liz, cavaleiro da Casa Real e capitão-mor de Arruda, o palácio é atribuído ao arquiteto Mateus Vicente de Oliveira. A fachada combina elementos rocaille e neoclássicos, com sete janelas de varanda e um brasão central que reúne as armas dos Gambôa e dos Liz. No andar nobre subsistem azulejos setecentistas, tetos pintados e pinturas murais, enquanto o rés-do-chão servia de apoio às atividades agrícolas da propriedade. O edifício integra o património municipal desde meados da década de 1980.

PALACE OF THE MORGADO

Built in the late 18th century for António Teodoro de Gambôa e Liz, knight of the Royal Household and capitão-mor of Arruda, the palace is attributed to architect Mateus Vicente de Oliveira. Its façade blends rocaille and early neoclassicism, with seven balcony windows and a central coat of arms combining the Gambôa and Liz lineages. Inside, 18th-century *azulejos*, painted ceilings and mural paintings still adorn the noble floor, while the ground level once served the estate's agricultural workings. The building became municipal property in the mid-1980s.





JARDIM DO PALÁCIO DO MORGADO

O jardim faz parte do conjunto patrimonial do Palácio do Morgado, do final do século XVIII, mandado edificar por António Teodoro de Gambôa e Liz e atribuído ao arquiteto Mateus Vicente de Oliveira, ligado por laços familiares a Arruda. A sua composição reflete o gosto do jardim barroco: espécies oriundas do Japão, China, Norte de África, Europa e Américas criam um conjunto cosmopolita que ainda hoje se mantém, conjugando desenho formal com diversidade botânica.

GARDEN OF THE PALACE OF THE MORGADO

This garden forms part of the late-18th-century Palácio do Morgado, commissioned by António Teodoro de Gambôa e Liz and attributed to architect Mateus Vicente de Oliveira, who had family ties to Arruda. Its planting reflects the taste of the Baroque garden: species from Japan, China, North Africa, Europe and the Americas create a cosmopolitan mix that still thrives today, blending formal design with botanical diversity.





IGREJA MATRIZ

Situada no antigo núcleo de Arruda, a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Salvação — classificada como Monumento de Interesse Público desde 1944 — reúne elementos manuelinos, renascentistas e barrocos. As suas origens ligam-se à Ordem de Santiago no século XIII; a traça atual resultou sobretudo da reconstrução ordenada por D. Manuel I, que aqui encontrou refúgio durante uma peste e, em agradecimento, fez concluir as obras. O interior de três naves exibe capitéis ricamente decorados, motivos vegetalistas, azulejos azuis e brancos e um conjunto de pinturas maneiristas atribuído ao Mestre de Arruda dos Vinhos. A fachada destaca-se pelo portal manuelino-ladeado de pilastras e pela torre sineira.

MOTHER CHURCH

Standing in the old heart of Arruda, the Church of Nossa Senhora da Salvação — classified as a Public Interest Monument since 1944 — blends Manueline, Renaissance and Baroque styles. Its origins lie with the Order of Santiago in the 13th century; the current form was largely shaped under King Manuel I, who had refuge here during a plague and then ordered its reconstruction in gratitude. The three-nave interior features richly decorated capitals, vegetal ornamentation, blue-and-white *azulejos*, and a set of Mannerist paintings by the Master of Arruda dos Vinhos. The façade is notable for its Manueline portal flanked by pilasters and for its bell tower.



BOMBARRAL

O Bombarral situa-se no coração da região Oeste, numa fértil extensão de terras onde prosperam as vinhas e a afamada pera-rocha. Entre manchas de floresta e colinas, a agricultura molda tanto a paisagem como o quotidiano. Sítios pré-históricos atestam a antiguidade da presença humana e a memória feita pedra no mosteiro cisterciense de Alcobaça recorda os tempos em que os seus Coutos, instituídos por foral de D. Afonso Henriques no século XII, funcionavam como um poderoso domínio dentro do reino, administrando vastas propriedades com grande autonomia.

Um dos episódios marcantes da história local, a Batalha da Roliça (1808) foi o primeiro confronto da campanha peninsular de Wellington e marco inicial da defesa da soberania portuguesa nas Invasões Francesas.

Ao longo dos séculos, a vila reuniu um património edificado diversificado: solares, capelas e conventos, edifícios públicos e culturais.

O Bombarral de hoje mantém a sua história bem viva. Frutos e vinhos locais, festas de colheita e celebrações populares entrelaçam passado e presente, oferecendo ao visitante mais do que um simples passeio — um duradouro sentido de lugar.

Bombarral lies in the heart of the Oeste region, set in a fertile patch of land where vineyards and the celebrated Rocha Pear flourish. Between stretches of forest and gentle hills, agriculture shapes both the scenery and daily life. Prehistoric sites attest to the antiquity of human presence, and the memory carved in stone at the Cistercian monastery of Alcobaça recalls the times when its Coutos, established by charter of King Afonso Henriques in the 12th century, functioned as a powerful domain within the kingdom, administering vast properties with great autonomy.

One of the most significant episodes in local history, the Battle of Roliça (1808) was the first confrontation of Wellington's Peninsular campaign and marked the beginning of the defence of Portuguese sovereignty during the French Invasions of Portugal.

Over the centuries the town gathered a varied built heritage: manor houses, chapels and convents, utilitarian public buildings and cultural venues.

Today's Bombarral keeps its history alive. Local fruit and wine, harvest festivals and village celebrations knit together past and present, offering visitors more than a tour — an enduring sense of place.



PAÇOS DO MUNICÍPIO

Antigo Palácio dos Henriques, este edifício foi inicialmente propriedade de Pedro Esteves, alcaide de Óbidos, e foi doado por D. João I ao cavaleiro Luís Henriques após a Batalha de Aljubarrota. Reconstruído pela família Henriques em 1751, passou depois por várias mãos privadas até ser adquirido, na década de 1920, pela Câmara Municipal para servir de Paços do Concelho, preservando a longa ligação do imóvel à vida cívica do Bombarral.

CITY HALL

Formerly the Palácio dos Henriques, this building began as the property of Pedro Esteves, *alcaide* of Óbidos, and was granted by King João I to the knight Luís Henriques after the Battle of Aljubarrota. Rebuilt by the Henriques family in 1751, it later passed through private hands until the 1920s, when the municipal council purchased it to serve as the Town Hall, preserving its long lineage within Bombarral's civic life.





PALÁCIO GORJÃO

No coração do Bombarral ergue-se o Palácio Gorjão, solar seiscentista que pertenceu à família Cunha e Coimbra e está classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1996. Desde a década de 1990 acolhe o Museu Municipal, tendo a biblioteca da vila sido instalada num edifício contíguo. O conjunto integra ainda um auditório coberto e um anfiteatro ao ar livre, entre jardins ajardinados com espelho de água, fazendo do palácio, além de marco histórico, um polo cultural.

GORJÃO PALACE

In the heart of Bombarral stands the 17th-century Palácio Gorjão, once home to the Cunha e Coimbra family and classified as a Public Interest Monument since 1996. Since the 1990s it has housed the Municipal Museum, with the town library adjoining the main building. The complex also includes a covered auditorium and an open-air amphitheatre set among landscaped gardens with a reflecting pool, making the palace a cultural hub as well as a historic landmark.





TEATRO EDUARDO BRAZÃO

Edificado em 1921, este teatro de pequenas dimensões é uma réplica do milanês La Scala e um raro exemplar português do estilo clássico italiano. Recebeu o nome do célebre ator Eduardo Brazão e está classificado como Imóvel de Interesse Público. As proporções íntimas e o desenho elegante fazem dele um espaço cultural muito apreciado no centro do Bombarral.

EDUARDO BRAZÃO THEATRE

Built in 1921, this small-scale replica of Milan's La Scala is a rare Portuguese example of the classical Italian theatre style. Named after the celebrated actor Eduardo Brazão, it is recognised as a Monument of Public Interest. Its intimate proportions and elegant design make it a cherished cultural venue in the centre of Bombarral.





MATA MUNICIPAL

Com cerca de quatro hectares, esta mancha florestal urbana — classificada como Imóvel de Interesse Público desde 1941 — é um verdadeiro museu vivo, com espécies vegetais raras e exemplares de porte invulgar. Funciona como corredor natural e refúgio para a fauna, incluindo borboletas noturnas e pelo menos 28 espécies de aves, oferecendo um recanto de biodiversidade e tranquilidade no coração do Bombarral.

MUNICIPAL WOODS

This four-hectare urban woodland, classified as a Site of Public Interest since 1941, is a living museum of rare plants and unusually tall specimens. Serving as a natural corridor and wildlife refuge, it shelters nocturnal butterflies and at least 28 bird species, offering a pocket of biodiversity and quiet greenery in the heart of Bombarral.







IGREJA MATRIZ

Consagrada em 1953, a Igreja Matriz do Santíssimo Salvador do Mundo ergue-se no local de um templo quinhentista. O arquiteto Fernando de Barros Santa Rita conferiu-lhe um perfil modernista contido: fachada branca marcada por pilastras verticais e coroada por uma torre sineira única. O elemento de maior impacto visual é o relevo em pedra de seis metros, da autoria do escultor Luís Fernandes, representando o Salvador do Mundo. Da antiga igreja preservaram-se a pia batismal original e a cabeça da imagem do Senhor dos Passos, ligando o novo edifício à devoção mais antiga do Bombarral.

MOTHER CHURCH

Consecrated in 1953, the Mother Church of the Santíssimo Salvador do Mundo stands on the site of a 16th-century predecessor. Architect Fernando de Barros Santa Rita gave the building a restrained modernist profile: a crisp white façade framed by vertical pilasters and crowned with a single belfry tower. A striking six-metre stone relief by sculptor Luís Fernandes, depicting the Saviour of the World, provides the visual centrepiece. Elements preserved from the earlier church, including the original baptismal font and the head of the Senhor dos Passos statue, link the new structure to Bombarral's older devotion.



LOURES

Apesar da proximidade a Lisboa, **Bucelas** mantém-se decididamente rural: as encostas cobertas de vinhas testemunham a longa tradição da casta Arinto, uma das mais emblemáticas da região. Mantos de vinhedos descem até ao rio Trancão e aos seus afluentes, como a Ribeira das Romeiras e a Ribeira do Boição, onde antigas azenhas sobrevivem como silenciosas testemunhas de um passado industrial.

A malha urbana organiza-se em torno de dois largos principais: o Largo do Espírito Santo, mais antigo e centrado na Igreja Matriz, ainda hoje ponto de encontro da comunidade; e o Largo do Coreto, que acolheu feiras de gado até ao início do século XX. Bucelas passou por várias jurisdições: integrou o território rural da cidade romana de Olisipo, pertenceu ao Termo de Lisboa — constando no seu 3.º Bairro em 1522 —, foi depois parte do concelho dos Olivais e, desde 1886, integra o concelho de Loures.

Percorrer as suas ruas é ler uma história em camadas: casas de épocas diversas, antigas quintas, adegas e lagares de azeite. O visitante pode deparar-se com uma tanoaria em plena laboração — hoje uma raridade — bem como desfrutar do Museu do Vinho e da Vinha e do Centro de Interpretação da Rota Histórica das Linhas de Torres.

Santo Antão do Tojal guarda vestígios de presença humana desde o Paleolítico, quando caçadores aproveitavam as férteis várzeas. Mais tarde integrou o *ager olisiponensis*, o território rural da cidade romana de Olisipo. Mencionada em registos de 1291, a paróquia estava já instituída no reinado de D. Dinis e durante séculos foi priorado da Mitra de Lisboa. Administrativamente, passou do Termo de Lisboa para o concelho dos Olivais em 1852 e, em 1886, para o de Loures.

Um momento decisivo chegou no século XVIII, quando o primeiro Patriarca de Lisboa, D. Tomás de Almeida, encarregou o arquiteto António Canevari de remodelar uma quinta existente. Juntos criaram uma praça monumental que reúne o Palácio dos Arcebispos, a igreja matriz, a fonte monumental e o aqueduto — hoje classificada como monumento de interesse público e ponto da Rota Memorial do Convento. Entre as figuras ligadas à freguesia contam-se o botânico Félix de Avelar Brotero, a poetisa Maria Amália Vaz de Carvalho e o político Augusto Dias da Silva.

Bucelas remains resolutely rural despite its proximity to Lisbon: vine terraces dominate the landscape, testifying to the long tradition of Arinto wine production, one of the region's most distinguished labels. Quilts of vineyards stretch toward the Trancão River and its tributaries, such as the Ribeira das Romeiras and Ribeira do Boição, where old watermills (azenhas) survive as silent witnesses to earlier industry.

The village's layout revolves around two main squares: Largo do Espírito Santo, older and centred on the parish church, still a gathering place for locals; and the Largo do Coreto, once host to cattle fairs through the early 20th century. Bucelas has passed through many hands: under Roman Olisipo's rural domain, then the municipality of Lisbon's jurisdiction (notably listed in the city's 3rd Bairro in 1522), later part of Olivais, and since 1886 incorporated into Loures.

Walking its streets is to read a layered history: houses of divergent architectural eras, ancient estates, wine cellars and olive mills. Visitors may come across a cooperage in operation — rare these days — as well as visit the Wine and Vineyard Museum and the Historical Route of the Lines of Torres Vedras Interpretation Centre.

Santo Antão do Tojal bears traces of human presence since the Paleolithic, when hunters used its fertile lowlands. Later it belonged to the *ager olisiponensis*, the rural hinterland of Roman Olisipo. Mentioned in records from 1291, the parish was established by the reign of King Dinis and long served as a priorate of the Lisbon Mitra. Administratively it moved from the Lisbon Termo to the Olivais municipality in 1852 and to Loures in 1886.

A defining moment came in the 18th century, when the first Patriarch of Lisbon, Tomás de Almeida, commissioned architect António Canevari to reshape an existing estate. Together they created a grand rural square combining the Palácio dos Arcebispos, parish church, monumental fountain and aqueduct — today a classified public monument and stop on the Rota Memorial do Convento. Notables linked to the parish include botanist Félix de Avelar Brotero, poet Maria Amália Vaz de Carvalho and politician Augusto Dias da Silva.

LOURES BUCELAS



CIPO FUNERÁRIO ROMANO

Em forma de prisma com inscrição numa das faces, foi mandado erguer por Lúcio Júlio Reburro e Júlia Justa, pais de Lúcio Júlio Justo, magistrado da tribo Galéria, falecido aos 28 anos. O texto latino exalta-o como modelo de devoção filial. Talhado no final do século I ou início do II d.C., o monumento encontra-se junto da igreja matriz, onde outra inscrição do século I d.C. está embutida no muro da escadaria — testemunhos silenciosos do passado romano de Bucelas.

ROMAN FUNERARY CIPPUS

Prism-shaped with an inscription on one side, it was commissioned by Lucius Julius Reburro and Julia Justa, parents of Lucius Julius Justus, magistrate of the Galeria tribe, who died at the age of 28. The Latin text praises him as a model of filial devotion. Carved at the end of the 1st century or beginning of the 2nd century AD, the monument is located next to the parish church, where another inscription from the 1st century AD is embedded in the staircase wall — silent testimonies to Bucelas' Roman past.

IGREJA MATRIZ DE BUCELAS

Implantada num pequeno outeiro, a igreja quinhentista de Nossa Senhora da Purificação combina elementos góticos, renascentistas e maneiristas. O exterior de aparência fortificada — paredes altas, poucas aberturas e cabeceira cilíndrica quase cega — transmite uma austeridade que contrasta com a riqueza interior: altar-mor em pedra, azulejos enxaquetados e vivas pinturas nos arcos e abóbadas. O contraste torna ainda mais surpreendente a descoberta do seu esplendor decorativo.

BUCELAS MOTHER CHURCH

Set on a slight rise, the 16th-century Igreja Matriz de Nossa Senhora da Purificação blends Gothic, Renaissance and Mannerist lines. Its fortress-like exterior — high walls, few openings and a near-blind cylindrical apse — gives an impression of austere strength. Yet inside lies a rich trove of religious art: stone altarpiece, chequered *azulejos*, and vivid painted vaults and arches. The contrast makes the discovery of its ornate interior all the more striking, a hidden splendour behind the sober façade.





NÚCLEO ARQUEOLÓGICO

Este núcleo arqueológico preserva vestígios de estruturas habitacionais da época romana, datadas dos séculos I-II d.C., e reafirma a antiguidade do local, integrado no território rural de Felicitas Iulia Olisipo (a atual Lisboa). Situado numa encruzilhada de estradas e caminhos romanos, poderá ter sido um pequeno aglomerado de vocação agrícola — hipótese que futuras escavações poderão confirmar.

ARCHAEOLOGICAL SITE

This archaeological site preserves remains of Roman dwellings dating to the 1st–2nd centuries AD, and reaffirms the antiquity of the site, which was part of the rural territory of Felicitas Iulia Olisipo (now Lisbon). Positioned at a crossroads of Roman roads and tracks, it likely formed part of an agricultural settlement — an interpretation that future excavations may yet confirm.





CHAFARIZ

Mandado construir em 1849 pela Câmara Municipal de Lisboa, este chafariz ergue-se na praça também conhecida por Largo do Coreto. Esculpido em cantaria de lioz, apresenta uma coluna central e um tanque circular. Um baixo-relevo com uma nau identifica-o como um dos Marcos do Termo da cidade de Lisboa, a que Bucelas então pertencia. Em tempos, quando o antigo Rossio de Bucelas acolhia feiras agrícolas, servia igualmente de bebedouro para os animais.

FOUNTAIN

Built in 1849 by the Lisbon municipal authorities, this fountain stands in the square also known as Largo do Coreto. Carved in lioz limestone, it features a central column and circular basin. A low-relief of a sailing ship marks it as one of the historic boundary stones of the city of Lisbon, of which Bucelas was then a part. In earlier times, when the old Rossio de Bucelas hosted agricultural fairs, the fountain also served as a watering place for animals.

CORETO OITOCENTISTA

Datado do século XIX, este coreto ocupa lugar central na praça e foi palco de animados concertos de bandas locais. De planta hexagonal, tem cobertura em forma de pagode assente em seis colunetas de ferro fundido trabalhado e torneado. O estrado elevado, protegido por guardas de ferro forjado de linhas curvas, permitia que os músicos fossem vistos e ouvidos por toda a população.

18TH-CENTURY BANDSTAND

This 19th-century bandstand occupies a central spot in the square, once the setting for lively concerts by local bands. Hexagonal in plan, it carries a pagoda-style roof supported by six turned cast-iron columns, with a raised platform so musicians could be clearly seen and heard. Curved wrought-iron railings encircle the stage, completing a structure that remains a graceful feature of Bucelas' public life.





ADEGA CAVES VELHAS

Este conjunto de edifícios antigos — adega, loja e sala de provas — preserva o ambiente da Bucelas vinhateira. No interior da grande adega destacam-se os enormes recipientes de vinho, pipas de transporte e utensílios tradicionais de produção e armazenamento. Fundada em 1881 pelo empresário João Camilo Alves, a adega rapidamente granjeou reputação e sucesso, ficando o seu nome ligado à história recente do vinho de Bucelas.

CAVES VELHAS WINERY

This complex of old buildings—wine cellar, shop, and tasting room — preserves the atmosphere of Bucelas’ winemaking past. Inside the main cellar stand massive wine vats, transport barrels and traditional equipment once used for production and storage. Founded in 1881 by entrepreneur João Camilo Alves, the Adega quickly gained reputation and success, and his name remains closely linked to the modern history of Bucelas wine.



MUSEU DO VINHO E DA VINHA

Instalado num edifício historicamente ligado à produção de vinho, este museu municipal celebra a história e a identidade de Bucelas através do seu vinho Arinto característico, que há séculos une comunidade, território e tradição vitivinícola. Exposições, oficinas, loja e centro de documentação especializado tornam o museu um verdadeiro polo cultural e um registo vivo da herança vinícola local.

WINE AND VINEYARD MUSEUM

Housed in a building historically linked to wine production, this municipal museum celebrates the history and identity of Bucelas through its characteristic Arinto wine, which for centuries has united the community, territory and wine-making tradition. Exhibitions, workshops, a shop and a specialised documentation centre ensure that the museum is a true cultural hub and a living record of the local wine-making heritage.



LOURES

SANTO ANTÃO DO TOJAL



PALÁCIO DOS ARCEBISPOS E FONTE MONUMENTAL

No centro da praça barroca ergue-se a Fonte Monumental, integrada na fachada do Palácio dos Arcebispos. A água jorra de mascarões em pedra para um tanque curvo, antecedido por escadaria, e todo o conjunto é coroado por um frontão com as armas do patriarca D. Tomás de Almeida, ladeado por fogaréus. Por trás eleva-se o palácio em U, cuja escadaria de aparato e salas azulejadas do século XVIII se abrem para um jardim formal com muros revestidos de azulejos e dois tanques ornamentais — um notável exemplar do barroco português concebido pelo arquiteto António Canevari.

PALACE OF THE ARCHBISHOPS AND MONUMENTAL FOUNTAIN

At the centre of the Baroque square stands the Monumental Fountain, built into the façade of the Palace of the Archbishops. Water pours from carved stone masks into a curved basin reached by a flight of steps, and the whole is crowned by a pediment with the coat of arms of Patriarch D. Tomás de Almeida, flanked by finials. Behind it rises the U-shaped palace, whose grand staircase and 18th-century tiled rooms open to a formal garden with *azulejo*-lined walls and twin ornamental tanks — an outstanding example of Portuguese Baroque conceived by architect António Canevari.





IGREJA MATRIZ

A Igreja Matriz da Imaculada Conceição distingue-se pela magnífica galilé — alpendre aberto — revestida de elegantes painéis de azulejos. Referida pela primeira vez no século XIII, foi reconstruída no século XVI e mais tarde transformada pelo patriarca D. Tomás de Almeida. A fachada principal exhibe estátuas em mármore italiano de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, São João de Deus e da Rainha Santa Isabel. Em 1730 ergueu-se nas proximidades um pavilhão ricamente decorado para receber os sinos destinados à Real Obra de Mafra, após a bênção. No interior, destaca-se a Sala da Bênção, de inspiração renascentista, com varanda para a praça, de onde o Patriarca assistia aos ofícios religiosos em privado.

MOTHER CHURCH

THE Igreja Matriz da Imaculada Conceição is distinguished by its magnificent *galilé* — an open porch — lined with elegant *azulejo* panels. First mentioned in the 13th century, it was rebuilt in the 16th and later transformed under Patriarch D. Tomás de Almeida. The main façade displays fine Italian-marble statues of Our Lady of the Immaculate Conception, Saint John of God and Queen Saint Isabel. In 1730 a richly decorated pavilion was erected nearby to receive the bells destined for the Royal Works of Mafra after their blessing. Inside, the Renaissance-inspired ‘Sala da Bênção’, with a balcony overlooking the square, allowed the Patriarch to attend services in private.





CHAFARIZ DOS ARCOS E AQUEDUTO

Construído em 1728 pelo arquiteto italiano António Canevari, o aqueduto é elemento fundamental do conjunto barroco da povoação. Inicia-se junto a Pintéus, estendendo-se por cerca de dois quilómetros — primeiro em troço subterrâneo e depois numa graciosa sequência de arcos de volta perfeita, assentes em pilares que se estreitam à medida que se aproximam do centro. Destinado a abastecer a Fonte Monumental, o Palácio dos Arcebispos e a comunidade, termina no pequeno Chafariz dos Arcos, onde um tanque com mascarão deixa correr a água. Sobre o nicho, uma inscrição latina convida a oração em troca do precioso bem, coroada por um baixo-relevo representando as almas do purgatório.

DOS ARCOS FOUNTAIN AND AQUEDUCT

Built in 1728 by the Italian architect António Canevari, the 'Fountain of the Arches' aqueduct is a defining element of the village's Baroque ensemble. Beginning near Pintéus, it runs for about two kilometres — first underground, then in a graceful sequence of round arches set on pillars that taper as they approach the settlement. Designed to supply water to the Monumental Fountain, the Palace of the Archbishops and the community, it ends at the small Chafariz dos Arcos, where a basin with a carved mask releases the flow. Above the niche a Latin inscription invites a prayer for the water's gift, crowned by a low-relief of souls in purgatory.



LOURINHÃ

A Lourinhã é um lugar onde o tempo profundo se cruza com a vida quotidiana. Vestígios arqueológicos recuam à Pré-história, mas foram os romanos quem parece ter fixado o povoamento e dado nome à terra — provavelmente a partir de uma *villa* assente em solos férteis. No século XII, D. Afonso Henriques concedeu a Lourinhã ao cavaleiro francês D. Jordão; forais régios subsequentes confirmaram o seu estatuto ao longo dos séculos. Em 1808, na vila da Lourinhã pernoitaram as tropas anglo-lusas antes da sua deslocação para o Vimeiro.

O património religioso é marcante: o Convento de Santo António, a Igreja de Santa Maria do Castelo e a Santa Casa da Misericórdia testemunham épocas de fé, arte e vida comunitária. Em paralelo, a Lourinhã assumiu-se como local de importância mundial na descoberta de fósseis de dinossauros. O Museu da Lourinhã conserva holótipos de espécies do Jurássico Superior, incluindo raros ovos e restos de fósseis de exemplares como o *Torvosaurus*. Nas proximidades, o Dino Parque — museu ao ar livre com vários hectares — apresenta reconstruções em tamanho real e percursos educativos pela história geológica.

Hoje, a viticultura, a agricultura e o mar continuam a ter peso na economia local, bem como a produção de uma aguardente vínica de excelência — a Aguardente DOC Lourinhã.

Lourinhã is a place where deep time meets everyday life. Archaeological traces reach back to prehistory, but it was the Romans who appear to have anchored human settlement and given a name to the land — likely from a villa planted on fertile soils. In the 12th century, King Afonso Henriques granted Lourinhã to a French knight, D. Jordão; royal charters followed under subsequent monarchs, confirming its status over centuries. In 1808, Anglo-Portuguese troops spent the night in the village of Lourinhã before moving on to Vimeiro.

Religious heritage is strong: the Convento de Santo António, the Igreja de Santa Maria do Castelo, and the Santa Casa da Misericórdia all testify to eras of faith, art and communal life. At the same time, Lourinhã has embraced its identity as a globally significant site for dinosaur fossils. The Lourinhã Museum preserves holotypes of Upper Jurassic species, including rare eggs and fossil remains of specimens such as *Torvosaurus*. Nearby the Dino Parque, an outdoor museum set on several hectares, displays life-size reconstructions and offers educational routes through geological time.

Today, viticulture, agriculture, and the sea continue to play an important role in the local economy, as does the production of an excellent wine spirit — Aguardente DOC Lourinhã.



IGREJA DE SANTA MARIA DO CASTELO

Fundada no século XII por D. Jordão, primeiro donatário da vila, esta igreja — classificada como Monumento Nacional — é popularmente conhecida como Igreja do Castelo, recordando a provável implantação junto das muralhas medievais. Escavações recentes revelaram fundações que poderão pertencer a um antigo torreão. Foi reedificada e ampliada no reinado de D. João I, sagrada pelo arcebispo D. Lourenço Vicente, e adquiriu a atual forma gótica, com nave central ladeada por duas laterais e abside poligonal.

SANTA MARIA DO CASTELO CHURCH

Founded in the 12th century by D. Jordão, the town's first grantee, this National Monument is popularly called the Church of the Castle, recalling its probable position beside the medieval walls — recent excavations uncovered foundations that may belong to a former keep. Rebuilt and enlarged in the reign of King João I, it was consecrated by Archbishop D. Lourenço Vicente and gained its present Gothic form, with a central nave flanked by two aisles and a polygonal apse.





MOSTRA URBANA DOS DINOSSAUROS

Numa vila famosa pelos fósseis jurássicos, não surpreende encontrar um dinossauro a cada esquina — lembrança de que este tranquilo centro outrora ecoou com criaturas de outra escala. O percurso ao ar livre apresenta treze modelos em tamanho real, cada um com painéis interpretativos em português, inglês e braille, enquanto as crianças podem seguir o “Pedyssauros”, versão *peddy-paper* que proporciona uma visita lúdica e educativa.

URBAN DINOSAUR EXHIBITION

In a town famed for Jurassic fossils, it’s hardly surprising to meet a dinosaur at every corner—a reminder that this quiet centre once echoed with creatures of far greater scale. The open-air trail places thirteen life-size models through the streets, each with interpretive panels in Portuguese, English and braille, while children can follow the ‘Pedyssauros’ treasure-hunt version for a playful, educational tour.







MUSEU DA LOURINHÃ

Fundado em 1984 por entusiastas locais, o museu preserva e divulga o rico património da região, com especial destaque para a sua paleontologia de renome mundial. As exposições abrangem geologia, paleontologia e arqueologia, enquanto a coleção etnográfica explora a vida tradicional. Um laboratório e uma sala multiusos acolhem atividades pedagógicas para os mais jovens, tornando o museu simultaneamente referência científica e animado centro de aprendizagem comunitária.

LOURINHÃ MUSEUM

Founded in 1984 by local enthusiasts, the museum safeguards and showcases the region's rich heritage, especially its world-renowned palaeontology. Exhibits span geology, palaeontology and archaeology, while an ethnographic collection explores traditional life. A laboratory and multi-purpose room host educational activities for younger visitors, making the museum both a scientific reference and a lively centre for community learning.





SANTA CASA DA MISERICÓRDIA

Fundada em 1586 por alvará régio de D. Filipe II, esta instituição de caridade ocupa três edifícios contíguos na Rua da Misericórdia. No centro ergue-se a Igreja da Misericórdia, ladeada a poente pelo antigo hospital. A nascente, um magnífico portal manuelino de meados do século XVI — outrora entrada da Capela do Espírito Santo — permanece a joia arquitetónica do conjunto. Em 2024, a Santa Casa inaugurou um espaço museológico que alberga uma importante e única coleção em que se destacam duas telas do Mestre da Lourinhã e quatro tábuas de Lourenço de Salzedo.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA

Founded in 1586 by royal charter of King Philip II, this charitable institution occupies three adjoining buildings on Rua da Misericórdia. At the centre stands the Church of the Misericórdia, flanked to the west by the former hospital. To the east, a mid-16th-century doorway in fine Manueline style — once the entrance to the Chapel of the Holy Spirit — remains the ensemble's chief architectural jewel. In 2024, the Santa Casa opened a museum space that houses an important and unique collection, featuring two paintings by the Master of Lourinhã and four panels by Lourenço de Salzedo.





IGREJA E CONVENTO DE SANTO ANTÓNIO

Fundado em 1598 para uma comunidade de frades franciscanos, este conjunto — classificado como Monumento Nacional — começou por uma pequena igreja com algumas casas de recolhimento. As obras de ampliação e restauro iniciaram-se em 1601 e prolongaram-se durante anos, refletindo tanto a ambição do projeto como os limitados recursos da comunidade. A fachada sóbria da igreja esconde um interior ricamente decorado, com altares em talha dourada e azulejos azuis e brancos que narram episódios da vida de Santo António, enriquecido com acrescentos artísticos dos séculos XVII e XVIII.

CHURCH AND CONVENT OF SANTO ANTÓNIO

Founded in 1598 for a Franciscan community, this National Monument began as a small church with a few retreat houses. Expansion and restoration started in 1601 and continued for years, reflecting both the ambition of the project and the friars' limited means. The church's plain façade belies a richly decorated interior with gilded altars and blue-and-white *azulejos* illustrating scenes from the life of Saint Anthony, enriched by artistic additions through the 17th and 18th centuries.





GALERIA MUNICIPAL

Integrada no Centro Cultural Dr. Afonso Rodrigues Pereira, a Galeria Municipal dedica-se à apresentação e promoção da arte em todos os seus domínios — pintura, escultura, design, desenho, fotografia e outras expressões artísticas. O espaço, amplo e versátil, incentiva a participação da comunidade e o diálogo entre áreas artísticas, afirmando-se como montra duradoura para a vida criativa da região.

MUNICIPAL GALLERY

Part of the Dr. Afonso Rodrigues Pereira Cultural Centre, the Municipal Gallery is dedicated to presenting and promoting art in all its forms — painting, sculpture, design, drawing, photography and other artistic expressions. The spacious and versatile venue encourages community participation and dialogue between artistic areas, establishing itself as a lasting showcase for the region's creative life.



MAFRA

Muito antes de o Real Edifício atrair peregrinos da arquitetura, a vida de **Mafra** girava em torno da sua Vila Velha medieval, que recebeu o primeiro foral em 1189. O primitivo núcleo urbano desenvolveu-se ao longo da antiga Rua Direita (hoje Rua Pedro Julião, Papa João XXI), eixo que ligava as duas extremidades da vila e que ainda conserva casas de discreta dignidade. No seu coração ergue-se a Igreja de Santo André, o testemunho mais claro do crescimento ocorrido entre os séculos XIII e XIV.

O “castelo” permanece esquivo — as campanhas arqueológicas de 1997-98 e 2017-24 não encontraram estruturas conclusivas. Um olhar atento ao terreno permite-nos vislumbrar uma planta ovalada, mas uma descrição mais detalhada encontra-se, ainda, aguardando futuras investigações. Nas vielas estreitas, nos pequenos lotes e nas fachadas modestas, a malha medieval continua legível sob camadas posteriores, conferindo ao centro um duradouro sentido de continuidade.

O coração da **Ericeira** mantém-se na antiga vila piscatória, um labirinto de casas caiadas e ruelas empedradas sobre o Atlântico. Recebeu foral em 1229, renovado em 1513, e ganhou novo prestígio quando Filipe IV de Espanha fez de D. Diogo de Meneses Conde da Ericeira, em 1622, impulsionando a construção do palácio condal, dos Paços do Concelho e a renovação de vários templos. Até 1855 foi concelho independente, e o seu porto figurava entre os mais importantes da costa ocidental de Lisboa.

Da Praia dos Pescadores partiu, em 1910, a família real portuguesa rumo ao exílio. Hoje o centro conserva o encanto das ruas estreitas, das fachadas azulejadas e das repentinas vistas de mar. Para além do núcleo antigo, a Ericeira é celebrada como a primeira World Surfing Reserve da Europa — um eco do oceano que moldou o seu passado e continua a atrair visitantes, enquanto o centro histórico preserva o ritmo mais tranquilo da vila.

Long before the Royal Building drew pilgrims of architecture, life in **Mafra** revolved around its medieval Vila Velha, granted its first charter in 1189. The early enclosure formed along the old Rua Direita (today Rua Pedro Julião, Papa João XXI), the spine linking the town’s two ends and still lined with houses of quiet dignity. At its heart stands the Church of Santo André, the clearest witness to the settlement’s 13th- and 14th-century growth.

The ‘castle’ remains elusive — archaeological campaigns in 1997–98 and 2017–24 found no conclusive structures. A careful look at the terrain allows us to glimpse an oval shape, but a more detailed description is still awaiting future research. In the narrow lanes, small plots and modest façades, the medieval fabric is still legible beneath later layers, giving the centre an enduring sense of continuity.

The heart of **Ericeira** remains in the old fishing town, a maze of white-washed houses and cobbled lanes high above the Atlantic. Granted a foral in 1229 and renewed in 1513, it gained new stature when Philip IV of Spain made D. Diogo de Meneses Count of Ericeira in 1622, spurring the building of the count’s palace, the town hall and several renovated churches. Until 1855 it was an independent municipality, and its harbour ranked among the key western ports of Lisbon.

From the Praia dos Pescadores, the Portuguese royal family departed into exile in 1910. Today the centre still charms with narrow streets, tiled façades and sudden sea views. Beyond the old quarter, Ericeira is celebrated as Europe’s first World Surfing Reserve — an echo of the ocean that shaped its past and still draws visitors, while the historic core keeps the village’s quieter rhythm.



IGREJA DE SANTO ANDRÉ

No presumível local do desaparecido castelo medieval de Mafra ergue-se a Igreja de Santo André, o monumento que melhor evoca as origens da vila. Primeiramente documentada em 1279 e concluída em grande parte em meados do século XIV, segue o modelo do gótico paroquial então popular sob os reinados de D. Dinis e D. Afonso IV: três naves com nave central mais alta, fachada dividida em três panos e portal de arco quebrado enquadrado por um alfiz quadrangular. A capela-mor termina em abside poligonal iluminada por altas janelas. Alterada nos séculos XVII e XVIII, foi restaurada no século XX (obedecendo aos critérios da época) para recuperar o caráter gótico original e classificada como Monumento Nacional em 1935.

CHURCH OF SANTO ANDRÉ

Within the presumed site of Mafra's lost medieval castle stands the Church of Santo André, the monument that best recalls the town's early history. First documented in 1279 and largely complete by the mid-14th century, it follows the 'parish Gothic' model popular under Kings Dinis and Afonso IV: three naves with a taller central aisle, a façade divided into three sections, and a pointed-arch portal framed by a square alfiz. The chancel ends in a polygonal apse lit by tall windows. Altered in the 17th–18th centuries, the church was restored in the 20th century (in accordance with the criteria of the time) to its original Gothic character and classified as a National Monument in 1935.







PALÁCIO DOS MARQUESES DE PONTE DE LIMA

Erguido no século XVII no local da antiga residência dos donatários de Mafra, este palácio pertenceu ao Marquês de Vila Nova de Cerveira, mais tarde titulado Marquês de Ponte de Lima. Reza a tradição que D. João V aqui se hospedava quando acompanhava as obras do Real Edifício de Mafra. Apesar de afetado pelo terramoto de 1755, o edifício permanece um notável testemunho do passado aristocrático de Mafra.

PALACE OF THE MARQUISES OF PONTE DE LIMA

Built in the 17th century on the site of Mafra's former donatary residence, this palace belonged to the Marquis of Vila Nova de Cerveira, later titled Marquis of Ponte de Lima. King João V is said to have lodged here while overseeing the Royal Works at Mafra. Although affected by the 1755 earthquake, the building remains a remarkable testimony to Mafra's aristocratic past.





QUINTA DA RAPOSA

Situada na antiga *corredoura* medieval, zona onde a vila começou a expandir-se para além das muralhas, a Quinta da Raposa deve o nome a José Joaquim Raposo, que a construiu com privilégios concedidos por D. Maria I. O arqueólogo Estácio da Veiga aqui residiu nas décadas de 1860–70, período em que realizou o estudo *Antiguidades de Mafra*, o primeiro trabalho arqueológico do concelho. Ao longo do tempo foi viveiro nacional, seminário e escola. Totalmente restaurada, acolhe hoje vários equipamentos culturais, entre os quais o Centro de Interpretação da Vila de Mafra, o Centro de Interpretação das Linhas de Torres de Mafra, o Centro de Documentação Ernesto Soares e a Casa da Música Francisco Alves Gato.

QUINTA DA RAPOSA

On the old medieval *corredoura* beyond Mafra's walls, this estate was built by José Joaquim Raposo under royal favour from Queen Maria I. Archaeologist Estácio da Veiga lived here in the 1860s–70s, producing *Antiguidades de Mafra*, the first local archaeological study. Over time it served as nursery, seminary and school. Now fully restored, it hosts cultural facilities including the Mafra Town Interpretation Centre, the Mafra Lines of Torres Vedras Interpretation Centre, the Ernesto Soares Documentation Centre and the Casa da Música Francisco Alves Gato.



MAFRA ERICEIRA



IGREJA DA MISERICÓRDIA

Classificada como Monumento de Interesse Público desde 2013, esta igreja barroca começou a ser construída em 1678, quando Francisco Lopes Franco, com o apoio dos pescadores locais, lançou as suas fundações; os seus restos mortais repousam na cripta. Concluída no século XVIII, alberga pinturas como A Visitação e Virgem da Misericórdia e o teto da nave pintado por Manuel António de Góis. Um coro lateral ligava a Irmandade da Misericórdia à albergaria e hospital contíguos. O conjunto integra também o Arquivo-Museu da Ericeira, fundado em 1937, que preserva um notável acervo, incluindo nove telas seiscentistas da Paixão de Cristo que saíam na Procissão dos Fogaréus.

CHURCH OF THE MISERICÓRDIA

Classified as a Monument of Public Interest since 2013, this Baroque church was begun in 1678, when Francisco Lopes Franco, aided by local fishermen, laid its foundations; his remains rest in the crypt. Completed in the 18th century, it houses paintings such as The Visitation and Virgin of Mercy and the nave ceiling by Manuel António de Góis. A side choir once connected the brothers of the Misericórdia to the adjoining hostel and hospital. The complex also contains the Archive-Museum of Ericeira, founded in 1937, which preserves a notable collection including nine 17th-century Passion canvases once carried in the Procession of the *Fogaréus* (Torchlights).





PELOURINHO E ANTIGOS PAÇOS DO CONCELHO

Erguido no início do século XVI, após a concessão do foral por D. Manuel I, o pelourinho manuelino foi parcialmente desmontado e enterrado em 1863, quando o município foi extinto. Recuperado em 1905, foi reconstituído na forma atual durante a década de 1960. Exibe o fuste octogonal e os motivos vegetalistas típicos do estilo. Em frente erguem-se os antigos Paços do Concelho, conjunto seiscentista reconstruído em 1818 que conserva as equilibradas fachadas de dois pisos, características da arquitetura tradicional da Ericeira.

PILLORY AND FORMER TOWN HALL

Erected in the early 16th century after King Manuel I granted Ericeira its charter, the Manueline pillory was partly dismantled and buried in 1863 when the municipality ceased to exist. Recovered in 1905, it was reassembled in its present form during the 1960s. It displays the octagonal shafts and vegetal motifs typical of the style. Facing it stand the former Town Hall buildings, a 17th-century complex rebuilt in 1818 that preserves the balanced two-storey façades characteristic of traditional Ericeira architecture.





IGREJA DE S. PEDRO

Mencionada pela primeira vez em 1446 como pequena capela fora da vila, esta igreja tornou-se matriz por volta de 1530, quando foi talhada a imagem renascentista de São Pedro, ainda visível na porta sul. Da estrutura primitiva conserva-se uma cantaria manuelina, na capela batismal, o elemento mais antigo do edifício. A grande ampliação iniciou-se no século XVII e concluiu-se em 1745, ano da execução do retábulo-mor rococó e dos painéis de azulejos da nave que ilustram episódios da vida e da lenda do orago. Na capela-mor, quatro telas evocam a pesca milagrosa. Diante da fachada principal ergue-se um cruzeiro de 1782 com inscrição pedindo sufrágios pelas almas do purgatório.

CHURCH OF S. PEDRO

First recorded in 1446 as a small chapel outside the village, this church became the main parish around 1530, when the Renaissance image of Saint Peter — still set in the south door — was carved. A Manueline stonework remains from the original structure in the baptismal chapel, the oldest part of the building.

Major enlargement began in the 17th century and continued to 1745, when the Rococo main altarpiece and nave tiles depicting scenes from the life of Saint Peter were completed. Four paintings of the miraculous catch adorn the chancel. In front stands a 1782 stone cross, inscribed with a plea for the souls in purgatory.





CAPELA DE NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM OU DE SANTO ANTÓNIO

Para gerações de pescadores da Ericeira, sujeitos a nevoeiros atlânticos e tempestades repentinas, esta capela sobre a Praia dos Pescadores foi farol e amparo. Durante séculos, uma sineta e uma lanterna de fogo assinalavam o porto à noite ou em mar revolto, enquanto a Confraria de Nossa Senhora da Boa Viagem aqui se reunia em oração. Reconstruído por volta de 1644, o pequeno templo barroco é revestido de azulejos de padrão e coroado, sobre o arco triunfal, por um painel alusivo à padroeira. Mantém também a dedicação a Santo António, devoção de longa tradição na vila.

CHAPEL OF NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM OR SANTO ANTÓNIO

For generations of Ericeira fishermen facing Atlantic fog and sudden storms, this cliff-top chapel above Praia dos Pescadores was both beacon and safeguard. A bell and fire lantern once signalled the harbour's position to boats at night or in rough weather, while the confraternity of Our Lady of Safe Voyage gathered here in prayer. Rebuilt around 1644, the small Baroque temple is lined with patterned *azulejos* and crowned by a panel above the triumphal arch honouring its patron. It remains jointly dedicated to Saint Anthony, a long-standing focus of local devotion.



SOBRAL DE MONTE AGRAÇO₅

A cerca de quarenta quilómetros a norte de Lisboa, Sobral de Monte Agraço remonta ao reinado de D. Sancho I. O centro histórico cresceu em torno da praça principal, palco da vida cívica, cujas sucessivas designações assinalam as mudanças dos tempos: foi Praça Pública, passou a Praça da Restauração em 1887, quando o concelho recuperou a independência, mais tarde Praça do Comércio e, desde 1906, Praça Dr. Eugénio Dias, em homenagem a esta personalidade republicana.

Em redor da praça erguem-se os edifícios marcantes da vila antiga — a Câmara Municipal, a igreja matriz, o chafariz setecentista, a Casa dos Condes de Sobral e, mais tarde, o coreto que animou o espaço com música e reuniões. Aqui a comunidade assistiu a restabelecimentos do concelho, à proclamação da República e às celebrações da revolução de 1974. Mercado natural, atraiu durante séculos os mercadores, fidalgos e populares que mantiveram a praça como o coração vivo de Sobral.

About forty kilometres north of Lisbon, Sobral de Monte Agraço traces its history back to the reign of the 12th century King Sancho I. The historic centre grew around the town's main square, a stage for civic life whose successive names mark shifting times. Once the Praça Pública, it became Praça da Restauração in 1887 when the municipality regained independence, later Praça do Comércio, and since 1906 Praça Dr Eugénio Dias, honouring this Portuguese Republican personality.

Around this square stand the key buildings of the old town — the Town Hall, the parish church, the 18th-century fountain, the Casa dos Condes de Sobral, and, later, a bandstand where music and meetings enlivened the space. Here the community has witnessed restorations of municipal status, the proclamation of the Republic, and the celebrations of the 1974 revolution. A natural marketplace, it long drew the merchants, gentry and townsfolk that kept the square the living heart of Sobral.



EDIFÍCIO DA CÂMARA MUNICIPAL

Mandado construir por Joaquim Inácio da Cruz para albergar a Casa da Câmara e a cadeia, este edifício incluía originalmente uma sala para audiências públicas. Na fachada exibe-se a pedra de armas do 1.º Morgado de Sobral e uma placa que regista a mercê de senhorio honorífico concedida por D. José I. Remodelado no final do século XIX, com a adição de um piso, foi ampliado na década de 1990 para integrar um antigo lagar de vinho, um auditório e uma galeria de arte, permanecendo o centro da vida municipal.

TOWN HALL BUILDING

Commissioned by Joaquim Inácio da Cruz to house the Town Hall and jail, this building originally included a chamber for public hearings. Its façade bears the coat of arms of the 1st Morgado of Sobral and a plaque recording the honorary Lordship granted by King José I. Remodelled in the late 19th century with an added floor, it was further expanded in the 1990s to incorporate a former wine press, an auditorium and an art gallery, and it remains the centre of municipal life.





CHAFARIZ

Edificado em estilo pombalino por Joaquim Inácio da Cruz, 1.º Morgado de Sobral, este chafariz em mármore abasteceu a vila após seis anos de construção e a utilização de 400 manilhas. A grande pia com duas bicas servia a população que aí recolhia água para uso doméstico, enquanto os tanques laterais forneciam água a animais de trabalho e de transporte. Hoje mantém-se como marco funcional e silencioso testemunho dos ritmos quotidianos de outrora.

FOUNTAIN

Built in the Pombaline style by Joaquim Inácio da Cruz, first Morgado of Sobral, this marble fountain supplied the town with water after six years of construction and the use of 400 ceramic pipes. A large basin with two spouts served residents collecting household water, while the flanking tanks provided drinking water for working and transport animals. Today it stands as both a functional landmark and a quiet reminder of the town's daily rhythms in centuries past.





CASA DOS CONDES DE SOBRAL

Residência setecentista mandada erguer pelo 1.º Morgado de Sobral para a sua família — mais tarde titulada Condes de Sobral — integrava casa principal, cavalariças, jardins e pomares. Escapou ilesa à pilhagem e devastação das tropas francesas durante a Guerra Peninsular. A fachada sóbria e as proporções equilibradas continuam a dominar a praça, testemunhando a influência que a família Sobral exerceu na região.

HOUSE OF THE COUNTS OF SOBRAL

This 18th-century residence was built by the first Morgado of Sobral for his family, later ennobled as the Counts of Sobral. The estate once included the main house, stables, gardens and orchards, and notably escaped the looting and destruction inflicted by French troops during the Peninsular War. Its sober façade and balanced proportions still dominate the square, a testament to the influence the Sobral family once held in the region.





IGREJA DE NOSSA SENHORA DA VIDA

Construído para substituir a antiga matriz e inspirado na Igreja de Santa Isabel, em Lisboa, este templo do século XVIII foi projetado por Reinaldo Manuel dos Santos, conhecido pelo seu papel na reconstrução de Lisboa após o terramoto de 1755. A fachada é ladeada por duas torres imponentes; a da esquerda conserva o relógio que ainda hoje marca as meias-horas, funcionando como elemento decorativo e marcador do tempo das cerimónias litúrgicas. A igreja permanece ponto central de celebrações e encontros comunitários.

CHURCH OF NOSSA SENHORA DA VIDA

Built to replace the old parish church and modelled on Lisbon's Church of Santa Isabel, this 18th-century temple was designed by Reinaldo Manuel dos Santos, noted for his role in rebuilding Lisbon after the 1755 earthquake. The façade is flanked by two striking towers; the left one still houses a clock that chimes every half hour, serving both as ornament and as a timekeeper for daily life and liturgical ceremonies. The church remains a focal point for community gatherings and celebrations.



CORETO

Erguido em 1914 para substituir uma estrutura de madeira do final do século XIX, este coreto em ferro forjado acolheu gerações de concertos, discursos e festas populares, ocupando um lugar central nas Festas do Sobral. O seu elegante gradeamento e a excelente acústica fizeram dele um ponto de encontro privilegiado e, ao longo do século XX, tornou-se um símbolo querido da vida cívica de Sobral de Monte Agraço.

BANDSTAND

Built in 1914 to replace a late-19th-century wooden structure, this wrought-iron bandstand has hosted generations of concerts, speeches and village festivities, and holds a central place in the annual Festas do Sobral. Its graceful ironwork and excellent acoustics made it a favourite gathering spot, and over the 20th century it became a cherished emblem of Sobral de Monte Agraço's civic life.



BUSTO DE EUGÉNIO DIAS

Erguido dois anos antes da Implantação da República, este busto homenageia o médico Eugénio Dias, célebre pelas qualidades profissionais, humanas e cívicas. Conta a tradição que a sua localização foi escolhida para que os monárquicos Condes de Sobral se vissem confrontados, das janelas da sua casa, com o rosto de um republicano convicto. O monumento continua a simbolizar o espírito cívico e independente da vila.

BUST OF EUGÉNIO DIAS

Erected two years before the proclamation of the Republic, this bust honours Dr Eugénio Dias, celebrated for his medical skill as well as his human and civic virtues. Local lore adds a political twist: its placement ensured that the monarchist Counts of Sobral would see the face of a committed republican each time they looked out from their residence across the square. The monument continues to symbolise the town's long civic spirit and independent mind.





CINE-TEATRO

Inaugurado em 1946, encerrado em 1968 devido a dificuldades financeiras e reaberto em 2006 após profunda reabilitação, o Cine-Teatro de Sobral de Monte Agraço é hoje um espaço cultural versátil para cinema, teatro, música, dança e outros espectáculos. Totalmente modernizado, mas fiel à sua história, continua a ser um ponto de encontro vital para artistas e público locais.

CINEMA-THEATRE

Originally built in 1946, closed in 1968 due to financial difficulties and fully restored in 2006, the Cine-Teatro de Sobral de Monte Agraço now thrives as a versatile cultural venue for cinema, theatre, music, dance and more. Fully modernised yet richly historic, it remains a vital focal point for local artists and audiences alike.



TORRES VEDRAS

O centro histórico de Torres Vedras revela milénios de presença humana e das culturas que o moldaram. As suas ruas, praças e bairros densos desenvolveram-se dentro da antiga cerca medieval, da qual subsistem troços visitáveis.

Séculos de construção e reconstrução criaram um tecido urbano orgânico, onde casas modestas, lojas e pequenas oficinas convivem com edifícios cívicos, religiosos e assistenciais de maior imponência — entre eles os Paços do Concelho, a Igreja da Misericórdia, quatro igrejas matrizes e o elegante Chafariz dos Canos.

No alto, o castelo domina a cidade e a paisagem envolvente, beneficiando de defesas naturais que desde sempre protegeram a povoação. Durante a Guerra Peninsular, estas elevações integraram as Linhas de Defesa de Lisboa, embora seja a designação popular, Linhas de Torres, que perdura na memória coletiva. O Forte de S. Vicente testemunhou a passagem de numerosos exércitos e mantém-se como um dos símbolos da cidade.

The historical centre of Torres Vedras reflects millennia of human presence and the layered cultures that shaped it. Its streets, squares and tightly woven neighbourhoods grew within the line of the medieval walls, fragments of which can still be explored.

Centuries of building and rebuilding produced an organic fabric where modest houses, shops and small workshops stand beside grander civic, religious and charitable landmarks — among them the Town Hall, the Church of the Misericórdia, four parish churches and the elegant Chafariz dos Canos fountain.

Above it all rises the castle, perched on a hilltop whose natural defences long protected the town and surrounding countryside. During the Peninsular War these heights became part of the Lines of Defence of Lisbon, though it is its popular name, Lines of Torres Vedras, that endures in collective memory. The Forte de S. Vicente has witnessed the passage of many armies and remains one of the emblems of the city.



IGREJA E CONVENTO DA GRAÇA

Fundado no século XVI pelos Eremitas Calçados de Santo Agostinho, este conjunto é classificado como Imóvel de Interesse Público. No seu núcleo destaca-se a igreja de nave única com teto em abóbada de berço e capelas laterais abertas para o claustro. Os azulejos de 1725 do claustro ilustram a vida de Frei Aleixo de Meneses, prior de renome. Na fachada decorada, alterada no século XVIII, erguem-se robustos contrafortes e os arcos da galilé. Parte do convento alberga hoje o Museu Municipal Leonel Trindade, mantendo o edifício vibrante com história e cultura.

GRAÇA CHURCH AND CONVENT

Founded in the 16th century by the Calced Augustinian Hermits, this complex is classified as an Imóvel de Interesse Público, a protected national heritage site. At its core lies a long church with a single nave, barrel vault ceiling and side chapels opening into a cloister. The cloister's tiles from 1725 illustrate the life of Frei Aleixo de Meneses, a notable prior. The decorated façade, altered in the 18th century, features sturdy buttresses and the arches of the galilee. Today part of the convent houses the Municipal Museum Leonel Trindade, so the building still pulses with history and culture.



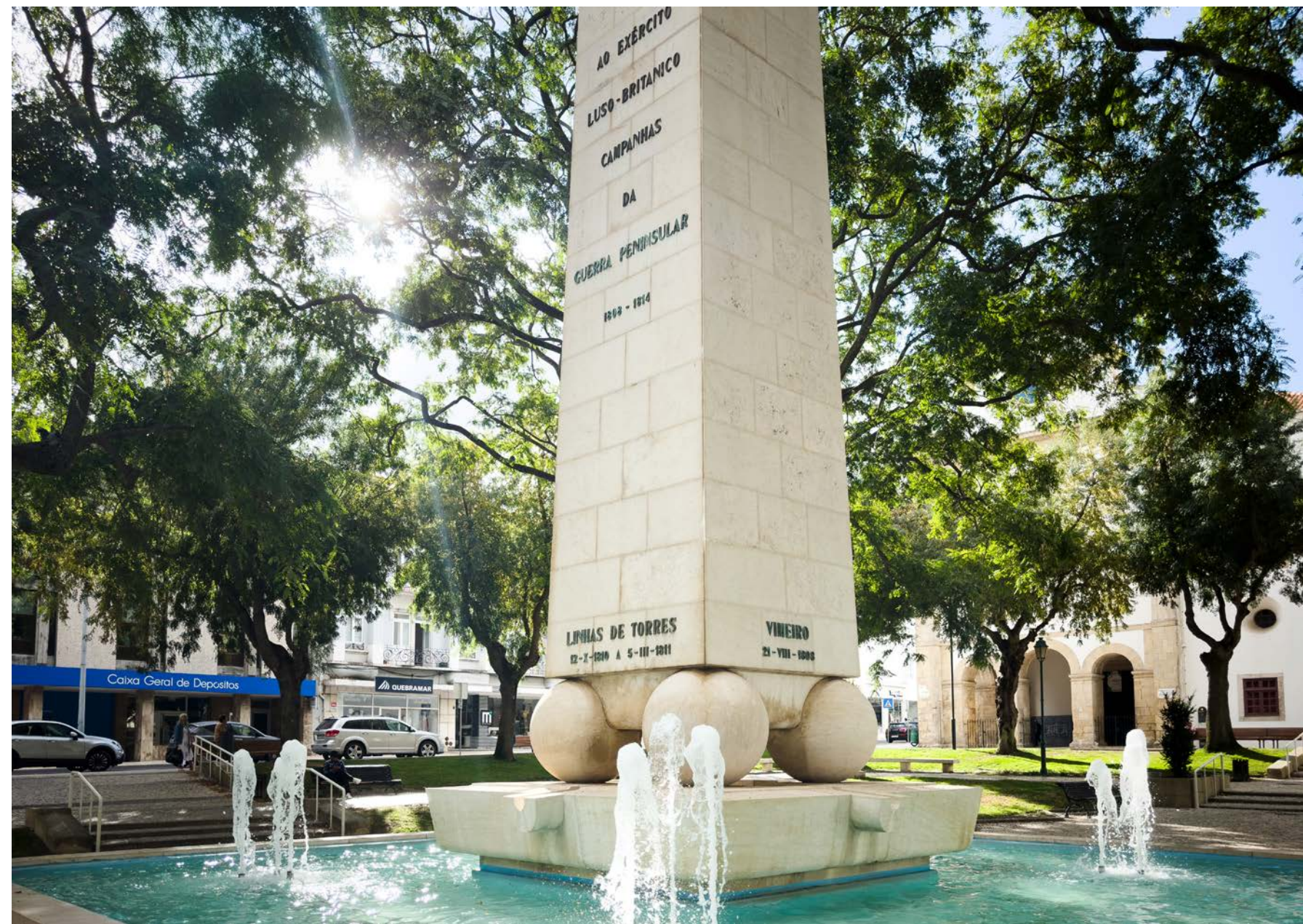


OBELISCO COMEMORATIVO DA GUERRA PENINSULAR

Erguido em 1954 na Praça 25 de Abril (antigo Largo da Graça), este obelisco comemora as campanhas portuguesas da Guerra Peninsular (1808-1814). Projetado pelo arquiteto Miguel Jacobetty a pedido da Câmara Municipal, exibe nas suas faces os nomes Roliça, Vimeiro, Buçaco e Linhas de Torres Vedras, batalhas e linhas defensivas decisivas nesse conflito. Mantém-se como monumento público que honra os que caíram ou serviram e recorda o papel da cidade na defesa da nação.

COMMEMORATIVE OBELISK OF THE PENINSULAR WAR

Erected in 1954 in Praça 25 de Abril (formerly Largo da Graça), this obelisk commemorates the Portuguese campaigns of the Peninsular War (1808-1814). Architect Miguel Jacobetty designed it at the request of Torres Vedras' municipal government. On its faces are inscribed the names Roliça, Vimeiro, Buçaco and Linhas de Torres Vedras, battles and defensive lines vital to that conflict. It stands as a public monument: honouring those who fell or served, reminding passers-by of the town's role in the defence of the nation.





CASA DE CEUTA

Neste canto da antiga Rua dos Burreiros situava-se o paço régio usado pelos monarcas portugueses nas suas visitas a Torres Vedras. A casa atual data do início do século XX, mas o local é lembrado como o ponto onde D. João I reuniu o Conselho Régio em 1414 para planejar a conquista de Ceuta. Essa decisão marcou o início da expansão marítima portuguesa, que viria a moldar a história do país e do mundo.

HOUSE OF CEUTA

On this corner of the old Rua dos Burreiros once stood the royal residence used by Portuguese monarchs during visits to Torres Vedras. The present house dates from the early 20th century, but it is remembered as the site where King João I gathered his royal council in 1414 to plan the conquest of Ceuta. That decision marked the beginning of Portuguese maritime expansion, a venture that would shape the history of the country and the wider world.





PAÇOS DO CONCELHO E CHAFARIZ

Documentados pela primeira vez em 1337, os Paços do Concelho têm sido, desde então, âncora da vida cívica torriense. Após incêndios e reconstruções, o edifício atual foi erguido entre 1752 e 1776, integrando um chafariz pombalino datado de 1775. A inscrição latina da fonte homenageia D. José I e assinala a sua construção para comodidade da população e dos presos, com a água a chegar por um ramal proveniente do Chafariz dos Canos a um tanque de mármore alimentado por uma bica em forma de golfinho. Durante a Guerra Peninsular, o edifício acolheu o comissariado militar, e uma renovação em 2001 revelou nove silos islâmicos sob o local. Desde 2003 funciona como centro de arte e cultura.

TOWN HALL AND FOUNTAIN

First documented in 1337, the Town Hall has long anchored civic life in Torres Vedras. After fires and rebuilds, the present building was erected between 1752 and 1776, incorporating a Pombaline fountain dated 1775. The fountain's Latin inscription honours King José I and notes its construction for the comfort of townspeople and prisoners, with water once channelled from the Chafariz dos Canos through a marble tank fed by a stone dolphin spout. During the Peninsular War the hall housed the military commissariat, and a 2001 renovation revealed nine Islamic-era silos beneath the site. Since 2003 it has served as a centre for art and culture.





CHAFARIZ DOS CANOS

Classificado como Monumento Nacional desde 1910, o Chafariz dos Canos é considerado a mais monumental fonte gótica portuguesa, datando do reinado de D. Dinis e lembrando a Fonte das Figueiras, em Santarém. De planta hexagonal, adossa-se a um muro ameado e apresenta cinco arcos ogivais de dupla arquivolta, assentes em capitéis vegetalistas. No interior, um teto em abóbada de ogivas cobre o tanque retangular com duas bicas e um estreito corredor. Restauros posteriores acrescentaram gárgulas, pináculos e brasões manuelinos, reforçando a importância cívica da obra.

DOS CANOS FOUNTAIN

Classified as a National Monument since 1910, the 'Fountain of the Pipes' is considered the most monumental Gothic fountain in Portugal, dating to the reign of King Dinis and echoing the Fonte das Figueiras in Santarém. Its hexagonal plan, backed by a crenellated wall, features five pointed arches with double archivolts resting on carved vegetal capitals. Inside, a rib-vaulted ceiling shelters a rectangular basin with two spouts and a narrow walkway. Later restorations added Manueline gargoyles, pinnacles and heraldic plaques, underscoring the fountain's enduring civic importance.



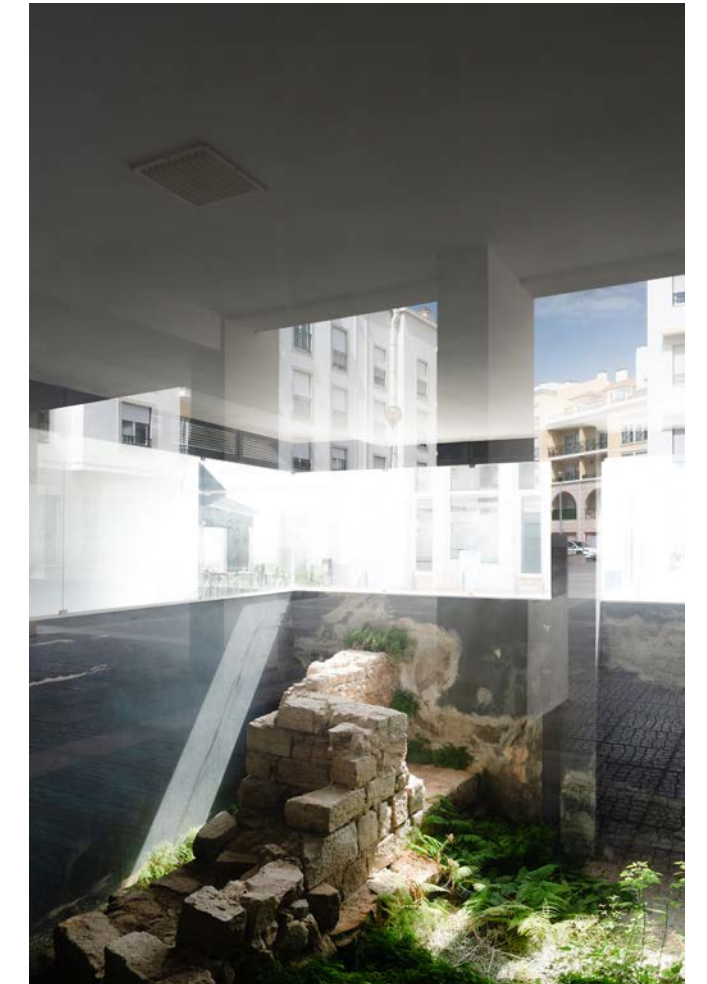


TROÇO DA MURALHA MEDIEVAL

Estas fundações na Rua Cândido dos Reis revelam um troço da antiga muralha que cingia a vila, mencionada já em 1442. Aqui se situava a Porta da Corredoura, uma das quatro entradas históricas. Apesar de danificada pelo terramoto de 1531, a muralha manteve função de controlo sanitário até finais do século XVI, desaparecendo gradualmente, com grande parte destruída pelo sismo de 1755. O troço exposto, com mais de dois metros de espessura, confirma o traçado da muralha e inclui vestígios da Vala Real do século XVIII.

SECTION OF THE MEDIEVAL WALL

These foundations on Rua Cândido dos Reis reveal a section of the medieval wall that once enclosed Torres Vedras, first documented in 1442. Here stood the Porta da Corredoura, one of four historic gates. Though damaged by the 1531 earthquake, the walls continued to serve for sanitary control until the late 16th century, then gradually disappeared, with most remnants lost after the 1755 quake. The exposed stretch, over two metres thick with stone facing on a vertical block base, confirms the wall's course and includes traces of the 18th-century Vala Real water channel.





CASTELO DE TORRES VEDRAS

Dominando a fértil várzea do rio Sizandro, o monte do castelo foi ocupado desde o início do 3.º milénio a.C., beneficiando das suas defesas naturais e abundância de água. Os romanos reforçaram a atalaia dos Túrdulos Velhos, deixando cisternas e lápides epigrafadas, enquanto os muçulmanos fortificaram a alcáçova antes de esta cair em mãos cristãs após 1147. Do castelo medieval restam apenas vestígios românicos da Igreja de Santa Maria — classificada como Monumento Nacional em 1910 — e troços da cerca oval reforçada por D. Manuel I, silenciosos testemunhos de milénios de ocupação.

TORRES VEDRAS CASTLE

Overlooking the fertile valley of the Sizandro River, the castle hill has been occupied since the early 3rd millennium BC for its natural defences and steady water supply. The Romans strengthened an earlier Turduli outpost, leaving cisterns and inscribed stones, while the Moors later fortified the alcáçova before it fell to Christian forces after 1147. Of the medieval fortress, only the Romanesque remains of the Church of Santa Maria — classified as a National Monument in 1910 — and stretches of the oval wall reinforced under King Manuel I still survive, silent witnesses to millennia of settlement.



VILA FRANCA DE XIRA

Vila Franca de Xira desenvolveu-se entre as encostas do Monte Gordo e da Costa Branca e a vasta planície do rio Tejo. O núcleo primitivo situava-se no bairro da Barroca, ainda reconhecível no traçado estreito e sinuoso das ruas e no agrupamento de pequenas igrejas ligadas por eixos comuns. A antiga Rua Direita — inicialmente via romana e mais tarde parte da Estrada Real — conduzia pessoas e mercadorias entre este aglomerado ribeirinho e a região envolvente, enquanto os arruamentos transversais ligavam diretamente aos cais e ao próprio Tejo, outrora a grande via de comunicação.

A expansão chegou no século XVI, com a construção da Casa da Câmara e do pelourinho para além da malha medieval. A partir do século XVIII, o crescimento assumiu um traçado mais regular, de ruas retilíneas e quarteirões quadrangulares ou retangulares, um plano urbano moderno reforçado no século XIX com o incremento do comércio. Hoje o centro histórico conserva esses padrões sobrepostos, onde o comércio fluvial, a ambição cívica e a vida quotidiana moldaram a vila ao longo dos séculos.

Vila Franca de Xira grew between the slopes of Monte Gordo and Costa Branca and the broad River Tagus. Its earliest core lay in the Barroca quarter, still legible in the narrow, winding lanes and in the clustering of small churches linked by shared axes. The old Rua Direita — first a Roman route, later part of the Estrada Real — carried people and goods between this riverside settlement and the wider region, while side streets connected directly to the quays and to the Tagus itself, once the main highway.

Expansion came in the sixteenth century with the building of the Town Hall and pillory beyond the medieval fabric. From the eighteenth century onward, growth followed a more regular geometry of straight streets and square or rectangular blocks, a modern urban plan reinforced in the nineteenth century as trade flourished. Today the historic centre retains those overlapping patterns, where river commerce, civic ambition and everyday life have shaped the town for centuries.



PELOURINHO

Erguido em 1510 e coroado com uma esfera armilar — emblema de D. Manuel I —, este pelourinho em pedra, decorado com motivos naturalistas, está classificado como Monumento Nacional desde 1910. Foi desmontado no século XIX por ordem de D. João VI, por dificultar a passagem das carruagens quando a família real seguia para Salvaterra, sendo novamente implantado em julho de 1954 com o apoio da Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

PILLORY

Built in 1510 and crowned with an armillary sphere — the emblem of King Manuel I — this stone pillory is decorated with naturalistic motifs and has been a National Monument since 1910. Dismantled in the 19th century on the orders of King João VI, as it obstructed carriage traffic when the royal family travelled to Salvaterra, it was finally re-erected in July 1954 with the support of the Directorate-General for Buildings and National Monuments.





IGREJA DA MISERICÓRDIA

Dedicada originalmente ao Espírito Santo, esta igreja e o hospital anexo foram construídos antes do século XVI e contam-se entre os numerosos templos profanados durante as invasões francesas. O interior, de nave única, é revestido de painéis de azulejos representando as 14 Obras de Misericórdia e integra cinco pinturas a óleo com cenas da vida de Cristo, sob um teto que exhibe o emblema da Irmandade da Misericórdia.

CHURCH OF THE MISERICÓRDIA

Originally dedicated to the Holy Spirit, this church and its adjoining hospital were built before the 16th century and were among the many sacred sites profaned during the French invasions. The single-nave interior is lined with *azulejo* panels illustrating the 14 Works of Mercy and features five oil paintings depicting scenes from the life of Christ, all beneath a ceiling bearing the emblem of the Misericórdia brotherhood.





CELEIRO DA PATRIARCAL

Construído entre 1747 e 1751 para a Santa Igreja Patriarcal de Lisboa, sob a direção do seu primeiro Patriarca, D. Tomás de Almeida, este celeiro setecentista está classificado como Imóvel de Interesse Público. Durante a 3.ª Invasão Francesa teve um papel fundamental na rede logística do exército anglo-luso, de onde saíam diariamente mantimentos para as tropas aliadas. Atualmente, o amplo edifício acolhe uma vasta programação de eventos culturais e exposições de arte, mantendo-se um espaço ativo no coração da cidade.

PATRIARCHAL GRANARY

Built between 1747 and 1751 for Lisbon's Patriarchal Church under the direction of its first Patriarch, D. Tomás de Almeida, this 18th-century granary is classified as a Property of Public Interest. During the Third French Invasion it served a key role in the Anglo-Portuguese army's supply network, dispatching daily provisions to allied troops. Today the spacious building hosts a wide range of cultural events and art exhibitions, keeping it active at the heart of the town.





MERCADO MUNICIPAL

Inaugurado em abril de 1929, este mercado de um só piso é um marco social da região. Cada uma das quatro fachadas é centrada por um torreão que representa uma das estações do ano e o ciclo agrícola. O edifício é célebre pelos seus painéis de azulejos, produzidos pela Fábrica de Loijas de Sacavém, que combinam motivos vegetais e animais com figuras humanas, fazendo do mercado uma duradoura obra de arte cívica e um polo de comércio quotidiano.

MUNICIPAL MARKET

Inaugurated in April 1929, this single-storey market hall is a social landmark of the region. Each of its four façades is centred on a tower that represents one of the seasons and the agricultural cycle. The building is renowned for its decorative *azulejos*, produced by the Fábrica de Loijas de Sacavém, which combine vegetal and animal motifs with human figures, making the market an enduring work of civic art as well as a hub of daily commerce.





CAIS E ZONA RIBEIRINHA

Mencionado no foral de 1510, o cais manteve até à década de 50 do século XX um importante papel na economia da região. Foi a partir deste porto que foi organizada, em agosto de 1487, uma armada com destino ao Norte de África.

Destacam-se nesta zona ribeirinha, para além do Jardim Municipal Palha Blanco, da Fábrica das Palavras e do Passeio Ribeirinho, o estabelecimento Flor do Tejo Bar, local que outrora era conhecido pelo Manuel da Barraquinha, espaço de encontros na resistência à Ditadura do Estado Novo e, na vertente da escultura em meio urbano, os Monumentos ao Cais da Jorna e ao escritor, diplomata e jornalista vila-franquense Álvaro Guerra, inaugurados em 2013 e 2016, respetivamente.

QUAY AND RIVERFRONT AREA

Mentioned in the 1510 charter, the quay retained an important role in the region's economy until the 1950s. It was from this port that, in August 1487, an armada set sail for North Africa.

Along this riverside area stand out, besides the Palha Blanco Municipal Garden, the Fábrica das Palavras and the Riverside Promenade, the Flor do Tejo Bar — once known as Manuel da Barraquinha, a meeting place for resistance to the Estado Novo dictatorship — and, in terms of urban sculpture, the Monuments to Cais da Jorna and to the Vila Franca de Xira writer, diplomat and journalist Álvaro Guerra, inaugurated in 2013 and 2016, respectively.







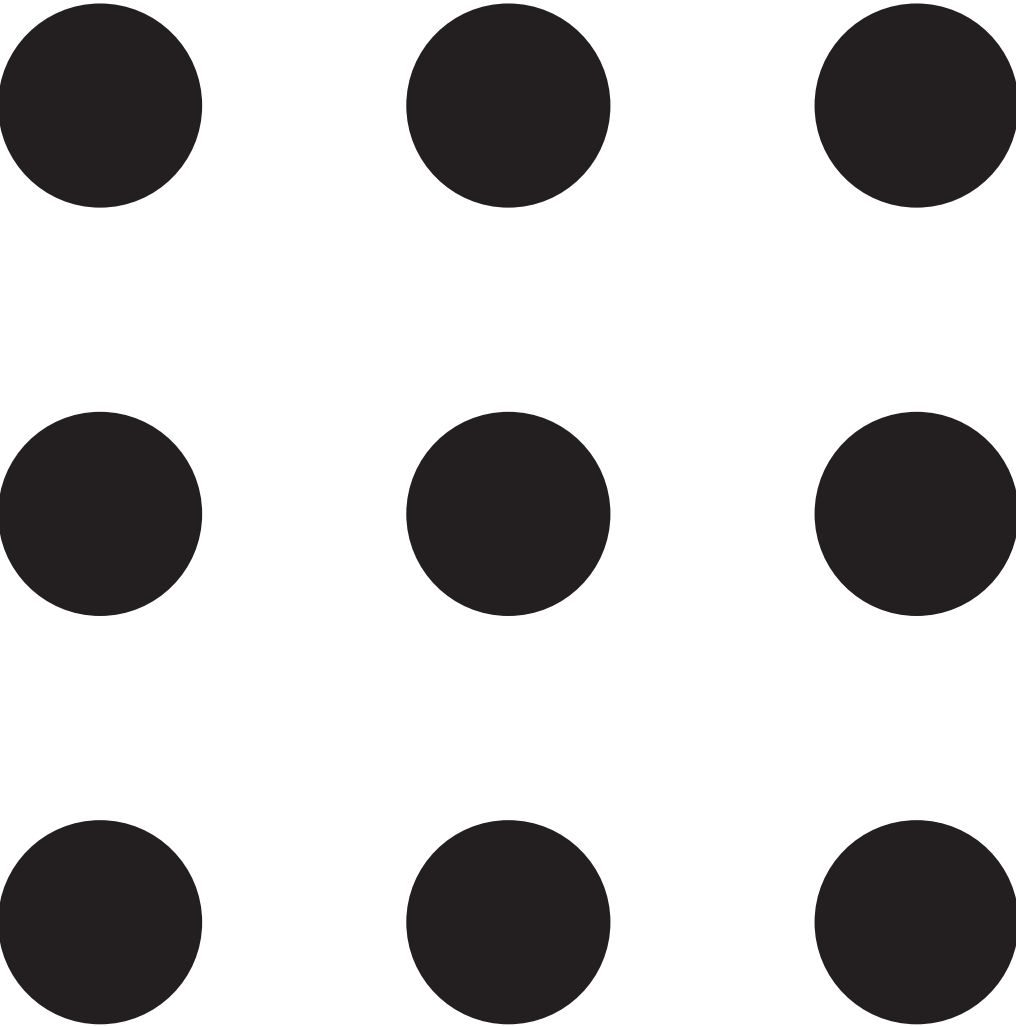
FLOR DO TEJO

Nascida como uma modesta barraca de madeira no Cais da Jorna, no início do século XX, a Flor do Tejo transformou-se em café de alvenaria na década de 1940 pelas mãos de Manuel Henriques — o “Manel da Barraquinha”. Mais do que taberna, foi refúgio discreto durante a ditadura do Estado Novo, abrigando publicações proibidas e pessoas em risco. A sua cave, nunca registada em plantas, ofereceu um raro espaço livre a operários, varinos, artistas e boémios. Hoje, na posse dos mesmos proprietários há meio século, a Flor do Tejo honra esse espírito como espaço cultural independente dedicado à música, arte, poesia e animada convivência.

FLOR DO TEJO

Born as a wooden riverside shack on the Cais da Jorna in the early 20th century, Flor do Tejo (‘Flower of the Tagus’) became a masonry café in the 1940s under Manuel Henriques — ‘Manel da Barraquinha’. More than a tavern, it was a discreet refuge during the Estado Novo dictatorship, hiding banned publications and sheltering rebels and wanderers alike. Its unlisted cellar offered a rare free space for workers, sailors, artists and bohemians. Today, under the same ownership for half a century, Flor do Tejo honours that spirit as an independent cultural venue for music, art, poetry and lively conversation.





CONTACTOS
CONTACTS

Arruda dos Vinhos
Posto de Turismo de Arruda dos Vinhos
Centro Cultural do Morgado
Largo Miguel Bombarda
2630-112 Arruda dos Vinhos
+351 263 977 035
turismo@cm-arruda.pt
www.cm-arruda.pt

Bombarral
Posto de Turismo do Bombarral
Praça do Município
2540-046 Bombarral
+351 262 609 053
turismo@cm-bombarral.pt
www.cm-bombarral.pt

Loures
Posto de Turismo de Loures
Parque Adão Barata - Pavilhão Multiusos
2670 -501 Loures
+351 211 150 178
+351 924 486 978
turismo@cm-loures.pt
www.cm-loures.pt

Lourinhã
Posto de Turismo da Lourinhã
Avenida António José de Almeida, 1
+351 261 410 127
turismo@cm-lourinha.pt
www.visitlourinha.pt

Mafra
Posto de Turismo de Mafra
Palácio Nacional de Mafra – Torreão Sul Terreiro D. João V
2640-492 Mafra
+351 261 818 347
turismo@cm-mafra.pt
www.cm-mafra.pt

Sobral de Monte Agraço
Posto de Turismo de Sobral de Monte Agraço
Praça Dr. Eugénio Dias, 12
2590-016 Sobral de Monte Agraço
+351 261 942 296
turismo@cm-sobral.pt

Torres Vedras
Posto de Turismo de Torres Vedras
Rua 9 de Abril
2560-301 Torres Vedras
+ 351 261 310 483
posto.turismo@cm-tvedras.pt
www.cm-tvedras.pt

Vila Franca de Xira
Rua Almirante Cândido dos Reis, 187
2600-123 Vila Franca de Xira
+351 263 285 605
turismo@cm-vfxira.pt
www.cm-vfxira.pt

© 2025 Rota Histórica das Linhas de Torres
Todos os direitos reservados. Proibida a repro-
dução total ou parcial sem autorização prévia.

© 2025 Rota Histórica das Linhas de Torres
All rights reserved. Total or partial reproduction
without prior authorisation is prohibited.



